

**TRABALHO (NO) FEMININO: percursos e geografias**

Colóquio Internacional

20 - 22 Junho 2022 | Ponta Delgada, S. Miguel - Açores

**FEMALE WORK: career paths and geographies**

International Conference

June 20 - 22 2022 | Ponta Delgada, S. Miguel - Azores

Presencial e online | in person and online



INSTITUIÇÕES FINANCIADORAS E ORGANIZADORAS

FUNDING AND ORGANISERS



INSTITUIÇÕES PARCEIRAS:

PARTNERS



Keynotes Speakers

Irene Vaquinhas (Universidade de Coimbra)

Patricia Zakreski (Universidade de Exeter)

RESUMOS E NOTAS BIOGRÁFICAS  
ABSTRACTS AND BIOGRAPHICAL NOTES

**ESTE COLÓQUIO INTEGRA AS ATIVIDADES DO PROJETO “Trabalho (no) Feminino (1850-1926) - Histórias dos Açores” IMPLEMENTADO PELA MEDIDA PRO-SCIENTIA - EIXO 1 - DRCT - GOVERNO DOS AÇORES. REF.ª M1.1.C/C.S./022/2019/01**

**THIS COLLOQUIUM IS PART OF THE ACTIVITIES OF THE PROJECT "Women's (in) Work (1850-1926) - Azorean Histories" IMPLEMENTED BY THE MEASURE PRO-SCIENTIA - EIXO 1 - DRCT - GOVERNMENT OF THE AZORES. REF. M1.1.C/C.S./022/2019/01.**

**Comissão Científica / Scientific Committee**

Daniela Soares (CICS.NOVA.FCSH – Univ. Nova de Lisboa)  
Filipa Lowndes Vicente (ICS - Univ. de Lisboa)  
Irene Flunser Pimentel (IHC - Univ. Nova de Lisboa)  
Irene Vaquinhas (CHSC - Univ. de Coimbra)  
Izilda Matos (Pontifícia Universidade Católica – S. Paulo)  
João Esteves (Agrupamento de Escolas de S. Bruno - Caxias)  
Maria Alice Samara (IHC – Univ. Nova de Lisboa)  
Monica Moreno Seco (Univ. Alicante)  
Patrícia Zakreski (Univ. Exeter)  
Susana Serpa Silva (CHAM Açores – Univ. Nova de Lisboa / Univ. dos Açores)

**Comissão Organizadora / Organizing Committee**

Bruna Valério (CHAM Açores – Univ. Nova de Lisboa / Univ. dos Açores)  
Cristina Moscatel (CHAM Açores – Univ. Nova de Lisboa / Univ. dos Açores)  
Daniela Soares (CICS.NOVA.FCSH – Univ. Nova de Lisboa)  
N'zinga Oliveira (CHAM Açores – Univ. Nova de Lisboa / Univ. dos Açores)  
Susana Serpa Silva (CHAM Açores – Univ. Nova de Lisboa / Univ. dos Açores)

**PATROCINADORES E ORGANIZADORES / SPONSORS AND ORGANISERS:**



GOVERNO  
DOS AÇORES



**INSTITUIÇÕES PARCEIRAS / PARTNER INSTITUTIONS:**



**Conferência de Abertura / Opening Conference - Irene Vaquinhas** (Universidade de Coimbra) - "Familiar de faroleiro também é profissão". Mulheres e trabalho em Portugal no século XIX e inícios do século XX: fontes e problemáticas.

**Resumo/Abstract:** Esta comunicação tem como objetivo abordar algumas questões relativas à pesquisa histórica sobre o trabalho feminino nos séculos XIX e inícios do século XX, bem como elencar fontes historiográficas – documentais (manuscritas ou impressas), bibliográficas e iconográficas - que permitam aceder a matérias sobre a intervenção das mulheres no mercado laboral e que abram pistas ou sugiram novos temas de investigação. Visa-se, igualmente, compreender os condicionalismos que pesavam sobre o trabalho feminino, em particular, a sua invisibilidade, subavaliação, qualificação como secundário, supletivo ou residual; a interferência de políticas familiares na regulação das políticas de emprego; os debates que acompanharam a entrada das mulheres em certas profissões ou no setor terciário em expansão durante o período considerado ou, ainda, interrogar a construção social da noção de "trabalho feminino" e os seus arquétipos, entre outras problemáticas. Não se trata de fazer um inventário sistemático das fontes disponíveis mas de apresentar instrumentos de pesquisa adequados a uma análise pluridisciplinar do tema.

**Nota biográfica/Biographical Note:** Irene Vaquinhas é doutorada em História e Professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 2009. Foi Coordenadora Científica do Centro de História da Sociedade e da Cultura (U I&D - FCT) de novembro de 2013 a outubro de 2020 e Diretora de vários cursos na FLUC. Foi representante da Universidade de Coimbra no projeto *ATHENA (Advanced Thematic Network for Activities on Women's Studies)*, da União Europeia. Colabora em projetos de investigação nacionais e internacionais. É membro da Academia Portuguesa da História. É autora de mais de uma centena de publicações, bem como integra conselhos editoriais de várias revistas portuguesas e estrangeiras. Tem coordenado e/ou integrado painéis de avaliação de projetos/bolsas de investigação. Tem desenvolvido a sua investigação e docência nas áreas de história contemporânea de Portugal; história rural; história das formas de sociabilidade; história da vida privada; história das mulheres e do género; história dos patrimónios alimentares e museologia. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/7116-054C-1FE6>

## Painel – Trabalho e Empoderamento Feminino / Work and Female Empowerment

**Pedro Urbano** (IHC - NOVA FCSH/ IN2PAST; CEC- FLUL) - Ao serviço da Rainha: poder informal, agency e micropolítica feminina na monarquia constitucional portuguesa

**Resumo/Abstract:** O novo regime constitucional e a legislação liberal trouxeram várias alterações à Casa das Rainhas, nacionalizando os seus bens e transformando-a numa organização dependente da Casa Real. Mas não só. A constituição da Casa da Rainha D. Maria II significou um estreitamento das vias de acesso feminino a esta instituição, restringindo o número de senhoras que aí prestou serviço, bem como das categorias dos diferentes ofícios femininos, fenómeno que se manteve até à extinção da Casa Real, com a implantação da República. Por outro lado, os vários textos constitucionais e, em particular, a Carta Constitucional de 1826, que durante mais tempo vigorou durante a monarquia constitucional, limitaram o poder régio. A representação da nação portuguesa passava a ser partilhada entre o rei e as cortes gerais, pertencendo àquele a sanção régia do poder legislativo, a responsabilidade última do poder executivo e o poder de moderação, que garantisse o equilíbrio dos restantes poderes. A emergência das Cortes Gerais poderá ter eclipsado a corte como centro do poder político e, ainda que às mulheres tivesse sido sempre vedado a participação activa na vida política, estes factores terão inviabilizado, ou pelo menos dificultado, a possibilidade do exercício do seu poder informal, da sua agency ou dos seus actos de micropolítica. Nesse sentido, importa analisar a casa da rainha na média duração ao longo da monarquia constitucional, de forma a compreender as alterações que o novo regime lhe impôs e o seu impacto, nomeadamente a nível das suas servidoras. Para além da identificação dos seus recursos humanos femininos e o seu processo de recrutamento, da observação das suas funções e trabalho desempenhado, importa analisar de que forma esta instituição poderá ter continuado a ser um centro de poder, ainda que informalmente, possibilitando a manutenção de privilégios nas elites aristocráticas femininas do reino de Portugal ao longo do século XIX e inícios do século XX.

**Palavras-chave:** Monarquia Constitucional, Casa da Rainha, Damas, poder informal, agency, micropolítica

**Nota biográfica/Biographical Note:** Doutorada pela NOVA FCSH com a tese "Nos bastidores da Corte": O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia – 1889-1908, financiada pela FCT e vencedora da 23ª edição do Prémio Victor de Sá e mestre pela mesma instituição com a dissertação A Casa Palmela e o Desafio Liberal: estratégias de Afirmação, publicada pela Livros Horizonte. Participou vários projectos de investigação da NOVA, UÉvora e ISCTE, nomeadamente Portuguese Women Writers, financiado pela FCT. Participou nas COST Action IS0901 Women Writers in History e IS1310 Reassembling the Republic of

Letters, 1500-1800. Foi membro da rede integrada Cultural women networks between Portugal and Germany, financiada pela FCT e do projecto Site de mulheres escritoras portuguesas, financiado pela FCG. É investigador júnior da NOVA FCSH, no âmbito do CEEC 2017 com o projecto Women (e)go: nineteenth century Portuguese female self-writing. Lecciona no ISPA.

**Adriana Mello Guimarães** (IPPortalegre/ CLEPUL) - Jornalismo no feminino: o contributo de Alice Moderno. | **online**

**Resumo/Abstract:** O que significa ser mulher e jornalista no início do século XX? Essa é uma das questões que vamos procurar responder ao investigar as publicações periódicas elaboradas pela Alice Moderno (1867-1946). Combativa, comprometida com a causa pública, precursora do feminismo, esta açoriana de coração, ousou (ainda no século XIX) empreender uma travessia no mundo masculino: foi escritora, professora, fundou diversos jornais, redigiu artigos jornalísticos, atuou como comerciante, mulher de negócios e agente de seguros. No jornalismo, colaborou com o Diário dos Açores e a Revista Pedagógica, dirigiu um jornal: o Diário de Anúncios (1892-1893) e foi diretora e fundadora de dois importantes jornais açorianos: O recreio das salas (publicação mensal, noticiosa, científica, histórica, literária, biográfica, bibliográfica e recreativa) e A folha (jornal literário, noticioso e comercial), publicou também na Revista de Portugal e no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.

**Palavras-chave:** Alice Moderno, Jornalismo, Emancipação Feminina

**Nota biográfica/Biographical Note:** Doutora em Literatura pela Universidade de Évora (Portugal), com tese envolvendo Eça de Queirós, a Revista de Portugal e o problema da modernização cultural. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora. Possui um estágio pós-doutoral em Letras, pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil). Possui o título de Especialista em Informação e Comunicação. Professora adjunta convidada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre. É investigadora da Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação) e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa-CLEPUL.

**Carmen Marina Vidal Valiña** (UEMC) - Las Bibliotecas: un ámbito pionero de trabajo femenino en la España de las tres primeras décadas del Siglo XX. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** El sector bibliotecario fue clave para la incorporación de las españolas al trabajo remunerado durante las tres primeras décadas del siglo XX. Muchas jóvenes encontraron en dicho sector una oportunidad para ser económicamente independientes y romper con el modelo de ángel del hogar imperante hasta ese momento, que las relegaba únicamente al ámbito doméstico. La II República española (1931-1936) impulsó especialmente el trabajo femenino en el ámbito bibliotecario, al entender que la cultura era clave para lograr el desarrollo del país. En esta propuesta de comunicación se hará un recorrido por el papel de las bibliotecas como ámbito pionero de trabajo femenino en la España de las primeras décadas del siglo XX, aportando algunos nombres claves y señalando cómo este fructífero periodo para el empoderamiento femenino se cerró dramática y bruscamente con el estallido de la Guerra Civil española en 1936.

**Palavras-chave:** género, bibliotecas, España, II República, cultura

**Nota biográfica/Biographical Note:** Carmen Marina Vidal Valiña é doutora em história contemporânea e licenciada em Xornalismo e Humanidades. Compaxina a docencia na Universidade Europea Miguel de Cervantes coas investigacións en estudos de xénero, centradas nas mulleres españolas das últimas décadas do século XIX e ata a II República, con especial atención ás voces anónimas que xeralmente non tiveron cabida na academia. Ademais, é a directora de [www.perifericas.es](#), Escola de feminismos alternativos centrada na ensinanza online sobre igualdade de xénero.

**Elisa Fauth** (CH - ULisboa) - Legislação trabalhista e o trabalho feminino no governo de Getúlio Vargas.

**Resumo/Abstract:** O início da década de 1930 foi de grandes transformações na política brasileira com o golpe que levou ao poder Getúlio Vargas. Os anos seguintes foram de profundas transformações no país através da implantação de diversas leis, inclusive aquelas que dizem respeito ao trabalho. Por sua vez, conforme apontam Kathleen Canning (2005) e Nira Yuval-Davis (2006), os debates acerca dos direitos civis e da nação costumam ser realizados na esfera pública, fazendo com que mulheres fossem historicamente excluídas das discussões sobre cidadania e os impactos das decisões governamentais em suas vidas. Essas questões tornam-se ainda mais complexas em regimes autoritários como o instaurado por Vargas, em que as decisões políticas afetaram profundamente a vida das mulheres. Nesta comunicação, pretende-se analisar as mudanças na legislação trabalhista durante o primeiro período de governo de Vargas (1930-1945) e quais seus efeitos no cotidiano das trabalhadoras. A partir desta investigação busca-se compreender se o acesso ao mercado de trabalho foi facilitado ou não durante o regime Vargasista, assim como se os benefícios das leis trabalhistas foram igualmente positivas para homens e mulheres, e se contribuíram para a emancipação feminina.

**Palavras-chave:** História das mulheres, História do trabalho, Estado Novo, Era Vargas

**Nota biográfica/Biographical Note:** Elisa Fauth is a PhD candidate at the *PIUD-Hist, University of Lisbon*; with a thesis entitled "Entre o controle e a subversão: Estudo comparado sobre a história das mulheres durante os regimes autoritários em Portugal e no Brasil". In 2021, she was granted with a doctoral fellowship (UI/BD/152084/2021) by the *Foundation for the Science and Technology*, at the *Centre for History of the University of Lisbon*, to develop her thesis. Has a B.A. in History, at the *Unisinos University*, with a scholarship of the *Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel*, in Brazil. She has participated as a speaker at seminars and specialized conferences and published articles and chapters, in Portugal, Brazil and abroad. Her main research interests concern the women's history, authoritarian regimes, women's rights and citizenship.

**Isabel Araújo Branco** (CHAM - NOVA/UAc) – A mulher trabalhadora que se torna miliciana: a Guerra de Espanha em textos de María Teresa León. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** A escritora e intelectual espanhola María Teresa León envolveu-se activamente na sociedade da República espanhola (1931-1939) e em particular na Guerra Civil. Por exemplo, em 1934 e 1935 visitou vários países com o poeta Rafael Alberti para denunciar a violenta repressão policial sobre os mineiros asturianos em greve. Entre 1936-1939, durante o conflito que opôs, por um lado, a República e, por outro, as tropas nacionalistas lideradas por Franco, María Teresa León teve um papel activo na mobilização e incentivo de civis e milicianos nacionais e internacionais, participando em campanhas no estrangeiro e na organização do salvamento de obras artísticas do Prado e de outros museus e espaços históricos espanhóis com o seu transporte até França. Entre muitas outras actividades, conta-se a organização de *Crónica General de la Guerra Civil* (1937), que reúne 65 textos de 33 autores, entre eles a própria María Teresa León. A obra – cujo título ecoa o período medieval – pretende «ayudar la memoria, atareada continuamente en acontecimientos decisivos y transcendentales de nuestra lucha», como explica León no «Prologo», fazendo ouvir a «voz de España hablando al mundo». Nesta comunicação, analisaremos a imagem da mulher trabalhadora durante a guerra nos textos de León, nomeadamente a sua participação enquanto miliciana no conflito, em particular nos artigos «La doncella guerrera», «El teniente José» e «Mi barrio en ruinas» de *Crónica General de la Guerra Civil* e em excertos de *Memoria de la melancolia* (1970).

**Palavras-chave:** Literatura espanhola, María Tereaa León, Guerra Civil Espanhola, mulher trabalhadora, mulher miliciana

**Nota biográfica/Biographical Note:** Isabel Araújo Branco é Professora Auxiliar na área de Estudos Hispânicos e Tradução na Universidade Nova de Lisboa e investigadora integrada no CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH-UAc), centro de que actualmente é sub-directora. Investiga as relações entre as literaturas portuguesa e hispânica, as origens do realismo mágico ibérico e literatura escrita por mulheres. Recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartín Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina (Lisboa) pela sua tese de doutoramento. É autora de *Recepção literária das*

literaturas hispano-americanas em Portugal (LIT Verlag, 2021) e Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal (Peter Lang, 2020), entre outras publicações.

**Silvia Canalejo Alonso** (Universidad de Granada) – Trabajo femenino en Economía Doméstica durante el franquismo. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** La evolución del régimen franquista en los años 50 estuvo fuertemente influenciada por el acercamiento a EEUU. Con el fin del aislamiento internacional y el fracaso del modelo autárquico, la España franquista, eminentemente agraria y rural, dio un giro a su política agraria con la creación del Servicio de Extensión Agraria -SEA- en 1955, importando el modelo extensionista americano al contexto agrario español. Una de las novedades que incluía este modelo era el fomento de la capacitación profesional de las mujeres campesinas. El régimen empleó este eje de acción entendiéndolo como un complemento a las tareas del varón en el campo y como un modo de mejorar la economía doméstica.

La profesionalización de la Economía Doméstica en el mundo rural pasaba por la creación de las figuras femeninas profesionales de Agentes y Ayudantes de Extensión Agraria para formar a las mujeres campesinas en las prácticas agropecuarias y el propio desempeño de la economía doméstica. Con la evolución política y socioeconómica del régimen se producen incipientes, aunque lentos y progresivos, cambios en el rol de la mujer rural.

Previamente a la creación de esta figura, eran las Instructoras Diplomadas Rurales las encargadas de formar y capacitar a las mujeres del mundo agrario. Estas últimas, con un carácter itinerante y bajo el paraguas de la Sección Femenina, vieron como su trabajo se profesionalizaría e incrementaría su valor social y económico gracias a la incorporación del cuerpo de Agentes y Ayudantes de Economía Doméstica dentro del SEA y con un carácter permanente. Las Instructoras Diplomadas Rurales, instruidas por Sección Femenina, contaban con la oportunidad de presentarse a las oposiciones de Economía Doméstica. La primera promoción de Agentes de Economía Doméstica data de 1960, cinco años después de la institucionalización del modelo extensionista americano en suelo español.

Sin embargo y pese a las significativas mejoras en los ámbitos económico y social, las Agentes y Ayudantes de Economía Doméstica eran llamadas "las económicas", con un claro tono despectivo, por parte de sus propios compañeros masculinos del servicio, lo que venía acompañado de la invisibilidad de sus funciones, el escaso valor social con el que contaba la capacitación de las mujeres campesinas y el olvido dentro de las Agencias Comarcales de Extensión Agraria.

**Palavras-chave:** mujeres rurales, Agentes de Economía Doméstica, Servicio de Extensión Agraria, dictadura franquista

**Nota biográfica/Biographical Note:** Doña Silvia Canalejo Alonso es actualmente doctoranda del Programa de Historia y Artes de la Universidad de Granada, vinculada al Departamento de Historia Contemporánea. En concreto, su tesis doctoral se adentra en el estudio del Servicio de Extensión Agraria en la capacitación profesional de las mujeres campesinas durante el franquismo (1955-1975). Previamente ha llevado a cabo otras investigaciones relacionadas con el proyecto educativo republicano durante el primer bienio de la II República (1931-1933), destacando el estudio sobre la creación de escuelas y la dignificación de la práctica docente durante este periodo en Granada que se verá publicado en la revista Hispania Nova en el próximo número de enero de 2022. En otro orden, la autora desempeña su labor profesional remunerada como funcionaria de carrera, concretamente como Profesora de Educación Secundaria y Bachillerato en la especialidad Geografía e Historia. Cuenta además con la acreditación de los niveles C1 de inglés y C1 de francés, lo que le posibilita ejercer como profesora bilingüe (inglés y francés) de dicha especialidad.

**Carolina Nascimento de Oliveira** (FCSH - UNL) - Da reivindicação à autogestão: uma análise do Caso da Fábrica Sogantal, a partir do Jornal Combate e do Jornal da Sogantal, no contexto do período revolucionário português do século XX.

**Resumo/Abstract:** A 25 de abril de 1974 o golpe militar e agitação popular iniciaram um biênio de intensa atividade política em todos os sectores de atividade do país, traduzido num elevado nível de intervenção da classe trabalhadora nos seus locais de trabalho e habitação, que se repercutiu nos destinos políticos do país, em grande medida de forma duradoura. A presente investigação pretende acompanhar um caso concreto de movimentações reivindicativas numa fábrica portuguesa, analisando diretamente o conteúdo das publicações impressas que um coletivo de quarenta e oito operárias emitiram acerca da sua luta.

A fábrica em causa, Sogantal, localizada no Montijo, conheceu a partir de maio de 1974 um período de intensa luta, que culminou escassos meses depois na entrada da unidade produtiva num processo autogestionário. As questões que orientaram a leitura das fontes, partem de uma tentativa de enquadrar mais amplamente três aspetos da luta laboral na Sogantal: formas de luta e conteúdo das reivindicações; o processo autogestionário; e percepções em relação ao exterior, nomeadamente ao sindicato e ao governo.

A Sogantal é sem dúvida um caso peculiar das lutas travadas nas empresas durante o processo revolucionário. A sua trajetória contém vários paralelismos com outras unidades fabris, mas a rapidez e urgência com que a autogestão se colocou como uma realidade para as trabalhadoras, e numa altura tão precoce da revolução, é um elemento original determinante para a história desta fábrica e destas operárias.

Dotadas de um nível de consciencialização política, ou pelo menos, em contacto com os meios para tal, desde muito cedo teceram amplas considerações acerca do funcionamento e estrutura económica do país e articular esse aspeto com a sua própria situação, como demonstrado pelos temas que estas operárias abordam no Jornal da Sogantal. Estas mulheres dão mostras de uma extraordinária criatividade ao nível da capacidade de organização, que lhes permitiu somar ao trabalho de confeção dos fatos, momentos de venda em locais longínquos, grupos de trabalho de dinamização cultural e políticas, e estratégias de vendas articuladas com a estratégia de divulgação da luta.

**Palavras-chave:** Sogantal, Autogestão, Operariado, Período Revolucionário Português, Imprensa

**Nota biográfica/Biographical Note:** Carolina Nascimento de Oliveira, licenciada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e de momento, mestranda em História Contemporânea na mesma Instituição. Dirigente Associativa da AEFCSH desde 2018, sendo que em 2020 foi Presidente do Núcleo de História da NOVA FCSH, bem como Presidente da Mesa da RGA da AEFCSH, cargo que mantém até à atualidade, sendo agora Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Núcleo de História N.HIST. Em 2021 organizou o XI Encontro Nacional de Estudantes de História - "Perspetivas esquecidas da História" e em 2022 organizou o Colóquio "Abril e Resistência(s)", ambos na NOVA FCSH. As áreas de estudo de interesse são a História da Indústria, a História de Género, a História dos Trabalhadores, bem como o Período Revolucionário Português.

## Painel – Educação, Emancipação e Feminismo / Education, Emancipation and Feminism

**Joana Dias Pereira** (IHC – NOVA FCSH) – Working women, Labour and Feminist Movements in the 19th and 20th centuries.

**Resumo/Abstract:** Beyond their already studied role in contemporary popular protest, working women were activists and even leaders of institutionalised repertoires of collective action. Their role in mutuals, cooperatives, and other types of grassroots associations is little known compared to feminist elites' activism. Working women were subalterns by their social status and gender and remained under-represented in scientific research.

For the first time, concerning the Portuguese case study, this paper explores the connections between the labour and feminist movements in the long term, from the mid-nineteenth century to 1933 and its long-run outcomes. It highlights the working women agency by examining the historical records of working women associations and their participation in the labour movement press and associative congresses. It analyses the emergence of working women's associations, their typologies, objectives and relation with other social movements. Furthermore, it assesses their mobilisation's impact in the public sphere and political arena. This evidence highlights working women's role in including the question of female workers into the labour and feminist movements agendas and in the political debates and policies.

**Palavras-chave:** Gender, Labour movement, Feminism, Civil Society

**Nota biográfica/Biographical Note:** Joana Dias Pereira é doutorada em historia dedica a sua investigação dedicada ao associativismo e movimentos sociais em Portugal e no mundo lusófono. É contratada pela FCSH-UNL financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia desde 2019. É membro da direção do Instituto de História Contemporânea.

**Angela Virginia Brito Ximenes** (Universidade de Coimbra); **Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti** (CES-UC/PPGNEIM-UFBA) e **Fernanda Lédo Flôres** (IHEAL-Sorbonne Nouvelle/ PPGHUFF) – Mulheres na História: Protagonismos femininos em contexto brasileiro (séculos XIX e XX).

**Resumo/Abstract:** No Tempo Presente e na Contemporaneidade, protagonismos e bandeiras foram matizadas como expressão de movimento de mulheres e em agendas específicas. Trazer uma análise histórica a partir de dimensões políticas, econômicas e sociais dos séculos XIX e XXI no que se refere às mulheres é o objetivo deste artigo. Com abordagem qualitativa, base historiográfica e revisão de literatura, enfatizamos o aporte teórico dialético-histórico, com ênfase nas categorias resistências, protagonismos e práxis dentro da ação e movimento de mulheres e feministas que projetaram mudanças no status quo e nas agendas de políticas públicas específicas nacionais. Enveredar pelas ações militantes de brasileiras que enfrentam a vida política descreve contextos e processos intensos dos dois últimos séculos. Em especial, ressaltando ainda que, a princípio, os vínculos eram mais fortes no que se refere à questão do trabalho, depois ganhando caráter mais político e fundamentado.

**Palavras-chave:** Mulheres, História Contemporânea e do Tempo Presente, Resistências, Trabalho, Política

### Notas biográficas/Biographical Notes:

Angela Virginia Brito Ximenes graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1990. Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) em 2021. Mestra pelo curso Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador em 2022. Doutoranda em Estudos Feministas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) com colaboração do Centro de Estudos Sociais (CES) desde 2021. Áreas de interesses: Estudos de gênero com ênfase nas violências domésticas ; Investigações interdisciplinares (Humanidades, Sociologias e Direitos) e feminismos; Mulheres velhas na contemporaneidade seus desafios políticos/econômicos/sociais.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti - Historiadora e professora universitária, com doutoramento em Direitos Humanos e Relações Internacionais pela Universidade de Leon (Espanha). Na área acadêmica, docente permanente ao Programa de Pós-Graduação Programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Integrante como investigadora associada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Fernanda Lédo Flôres - Pesquisadora ligada ao Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine da Sorbonne Nouvelle-Paris 3 (CAPES-COFECUB, 2022/2023). Doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre e licenciada em História pela Universidade Federal da Bahia com período sanduíche na Universidade do Porto (2015-2016). Especialista em Direitos Humanos pelo Curso CEI (2021). Licenciada em Direito pela Faculdade Baiana de Direito (2011). Membro do Grupo de Pesquisa Memórias, Ditaduras e Contemporaneidades (MDC) ligado ao PPGH-UFBA e do Grupo de Pesquisa em Educação e Direitos Humanos (NEDH) vinculado a Universidade Católica do Salvador. Possui experiência de pesquisa sobre história oral, memórias, biografias, história das mulheres, comunismo, ditadura militar e exílio. &E acute; autora das obras "Ana Montenegro (1915-2006)" e "Sensibilidade Aflorada", ambas publicadas pelo Clube dos Autores.

**Anabela Silveira** (Investigadora Independente) - "Independentar pelo trabalho": um dos eixos do pensamento feminista de Beatriz Pinheiro (Viseu, 1871- Lisboa, 1922). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Natural de Viseu, onde viveu grande parte da sua vida, Beatriz Pinheiro foi, conjuntamente com seu marido, o poeta Carlos de Lemos, directora da revista Ave Azul que, entre 1899 e 1900, se publicou naquela cidade, capital de um distrito do interior de Portugal.

Beatriz Pinheiro utilizou a revista viseense para, em finais do século XIX, divulgar os eixos programáticos do seu pensamento feminista, escrevendo sobre a questão da igualdade de género, a luta pela defesa dos direitos das mulheres à educação e ao trabalho justamente remunerado.

Será pois a partir desses textos e da palavra de ordem "independentar pelo trabalho" que procurarei trazer à luz do dia a defesa do direito da mulher ao trabalho justamente remunerado e equiparado ao salário masculino, uma vez que a autonomia e a independência monetária seriam o primeiro passo para não só a libertação de qualquer tutela patriarcal, mas também para um digno sustento de uma mulher só, solteira ou viúva. Porém, essa independência só seria possível se a mulher possuísse as ferramentas necessárias a um desempenho profissional, o que passava por um outro tipo de educação, concretamente pela frequência de escolas secundárias, profissionais e universitárias.

Paradoxalmente, parecendo uma ironia do destino, na certidão de óbito de Beatriz Pinheiro, ela que fez da docência a sua profissão, consta como «doméstica». Quando se completa o primeiro centenário da sua morte (14 de Outubro de 1922), faz todo o sentido voltar ao pensamento de uma mulher – feminista e republicana – que, cem anos depois, está longe de ser concretizado.

**Palavras-chave:** Beatriz Pinheiro; primeiro feminismo português; trabalho, autonomia, independência monetária

**Nota biográfica/Biographical Note:** Anabela Silveira é doutorada em História pela Universidade do Porto. Tem vindo a estudar o percurso da feminista Beatriz Pinheiro, salientando-se as seguintes apresentações: “O protagonismo de Beatriz Pinheiro na Revista Viseense Ave Azul (1899-1900) na revista *Historiae*, Rio Grande 8(2)2017; “Beatriz Pinheiro, feminista, republicana, escritora (Viseu, 1871- Lisboa, 1922)” in *O feminino nos arquivos: abordagens e problemáticas*, edição da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2021, p. 363-376; “A militância feminista e as personagens femininas de Beatriz Pinheiro na Revista Ave Azul”, Biblioteca D. Miguel da Silva, Viseu, 2019

**Célia Cordeiro** (CHAM Açores - NOVA/UAc) – O Manifesto Feminista Português e o Direito das Mulheres ao Exercício de uma Profissão.

**Resumo/Abstract:** Nesta comunicação, analiso o primeiro manifesto feminista português - *As Mulheres Portuguesas* (1905), escrito por Ana de Castro Osório (1872-1935), em diálogo com o discurso de Virginia Woolf, de 1931, em *Professions for Women*, à luz da reivindicação do direito das mulheres ao exercício de uma profissão. Neste ensaio, contextualizo a situação socioeconómica, política e cultural de Portugal e da Inglaterra no contexto europeu, tendo como linha de força a temática da inserção do género feminino no mercado de trabalho.

Por um lado, examino a proposta de Ana de Castro Osório no que concerne à educação das mulheres da classe popular, ainda que diferenciada das demais, a fim de adquirirem mais conhecimentos teórico-práticos para desempenharem com maior eficiência as suas atividades laborais. Por conseguinte, contribuiriam para alavancar a economia portuguesa, virando uma página na história nacional. Por outro lado, perspetivo o labor de ambas as escritoras como uma ferramenta integrante do seu engajamento político para «Kill(ing) the Angel in the House» (Woolf, 1931) e para lutar pela equidade económica e social entre ambos os géneros.

**Palavras-chave:** feminismo, profissões, mercado de trabalho, escrita, igualdade de género

**Nota biográfica/Biographical Note:** Célia Cármen Cordeiro é doutorada em Literaturas e Estudos Culturais Luso-Afro-Brasileiros pela Universidade do Texas em Austin (2018). É Mestre em Literaturas e Culturas Lusófonas pela Universidade de Minnesota (2012). Foi Instrutora de Língua Portuguesa e Espanhola em ambas as universidades (2009-2017), assim como Professora Auxiliar Visitante de Língua e Cultura Portuguesa na Bridgewater State University, Massachusetts (2018-19). É autora da obra *Ana de Castro Osório e a Mulher Republicana Portuguesa*, Lisboa: Fonte da Palavra (2012). Investigadora Integrada do CEMRI (UAb), no Grupo de Investigação em Estudos sobre as Mulheres – Género, Sociedades e Culturas, bem como do Centro de Humanidades (CHAM), no Grupo Literaturas e Culturas da FCSH da UNL e da UAc. Tem desenvolvido investigação sobre o feminismo em Portugal (séculos XIX-XX) e a produção cultural de mulheres portuguesas na diáspora (biografias, contos, fado e festas do Espírito Santo nos séculos XX-XXI). Tem apresentado o seu trabalho em conferências na Europa e nos Estados Unidos da América. Além disso, é contista, cronista e terapeuta multidimensional na ilha de São Miguel, Açores.

**Camila Almeida Belarmino** (Universidade de S. Paulo) – Arquitetura e amnésia social: em busca das primeiras arquitetas formadas no Brasil. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** A presente proposta tem como objetivo principal revelar as primeiras figuras femininas formadas em arquitetura pela única instituição de ensino que ofertava este curso até as primeiras décadas do século XX, a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1914, quase cem anos depois de sua fundação, a primeira mulher obtém o título de arquitetura na instituição. Porém, as narrativas sobre a história da profissão e suas instituições não revelam este fato, tampouco falam a respeito das trajetórias de muitas outras mulheres formadas nos anos subsequentes. Muitas narrativas destacam personagens consagradas como a arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi e a engenheira e urbanista Carmen Portinho como representantes das mulheres na área. Não aviltando a profunda importância destas personagens, se opta por uma investigação por nomes desconhecidos e trajetórias não descortinadas diante dos nomes de figuras masculinas amplamente apontadas pela historiografia da arquitetura e urbanismo. Para tanto, recorre-se a um debate teórico do quanto o processo de constituição de narrativas na história da arquitetura pode ser visto sob a perspectiva da amnésia social, isto é, de um esquecimento das personagens que não se relacionam apenas ao fato de não terem sido contempladas porque não tiveram produções marcantes. Mas, sobretudo, considera-se uma amnésia social diretamente relacionado ao fato de serem figuras femininas. O que prova que a abordagem das memórias em história da arquitetura vem sendo calcada sob a perspectiva dos géneros são as evidências do presente. Hoje quase 70% dos profissionais registrados em arquitetura no Brasil são mulheres. Elas também são maioria nas instituições de ensino. Porém, estudos mostram que, em termos salariais, concursos, carreira e reconhecimento, as mulheres estão sempre em patamares inferiores aos das figuras masculinas. Portanto, a fim de desinvisibilizar as primeiras mulheres formadas e atuantes na arquitetura, serão apresentadas figuras femininas a partir de suas trajetórias sociais, embates, redes de sociabilidade, produções, entre outros aspectos que provam a presença e atuação delas no processo de consolidação da arquitetura enquanto profissão no Brasil.

**Palavras-chave:** Arquitetura, Mulheres, Amnésia social, Ensino, Profissão, Género

**Nota biográfica/Biographical Note:** Camila Almeida Belarmino é bacharel e licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008) e mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2012). Realiza doutorado na Universidade de São Paulo na área de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Possui experiência em docência no ensino superior e na produção de materiais didáticos. Na pesquisa atua principalmente com os seguintes temas: história e historiografia, arquitetura, urbanismo, design, artes, género e relações étnico-raciais.

**Licínio M. Vicente Tomás** (CICS.NOVA.UAC) – Filha és, mãe-trabalhadora serás: a trajetória de mulheres nas diferentes gerações face à procura ativa de trabalho remunerado.

**Resumo/Abstract:** Tanto no trabalho de ontem como no trabalho de hoje, o lugar de ambos os sexos não apresentam simetria. Já muito se investiu no empreendimento de conceptualização das mudanças, das transformações e das dissemelhanças quer de conteúdos quer de enquadramento institucional, cultural e conjuntural que configuram os diferentes universos de homens e mulheres perante o trabalho e o emprego. Mas menos notadas foram as diferenças geracionais ao longo do tempo, trespassando circunstâncias e atravessando épocas históricas.

Certo é que as gerações constituem construções heurísticas e sócio históricas concretas que podem ser compreendidas quer na sua relação com as diferentes conjunturas sociais, quer na sua relação com o trabalho, o emprego, o ensino e a formação ou, mesmo, com o lazer e o tempo livre ou a desocupação. No âmbito dos percursos de trabalho e de experiências formativas e laborais ressalta a necessidade de se compreenderem as relações entre uma procura ativa efetiva de hoje e de outrora.

Esta nossa apresentação tem um duplo enquadramento: por um lado vem no seguimento de uma atenção continuada, algo recorrente, que tem sido prestada à conceptualização do trabalho feminino na perspetiva geracional e, por outro, liga-se a um projeto atualmente em curso financiado no âmbito do desemprego jovem na ilha de São Miguel. Assenta num tratamento qualitativo de entrevistas realizadas em simultâneo à geração de mulheres mais jovens – atualmente à procura de trabalho ou à procura do primeiro emprego – e às suas mães remetendo-as para a mesma fase de vida, procurando destacar-se o fulcro nevrálgico da entrada no mercado de trabalho remunerado e a saída do trabalho doméstico ou familiar no pressuposto de que a mulher sempre trabalhou mas nem sempre foi remunerada. A substancial diferença reside na forma de retribuição e de enquadramento do trabalho; aspectos que aparecem mais nitidamente no confronto geracional. As entrevistas semi-diretivas levadas a cabo apontam para desiguais oportunidades que caracterizam conjunturas e condicionam as trajetórias de quem se encontra nas mesmas idades ou em idades muito mais próximas, isto é, na sucessão das gerações de mulheres que numa certa fase de vida defrontam uma procura ativa de trabalho.

**Palavras-chave:** Gerações, Trabalho feminino, Procura ativa de trabalho, Fases de vida; Desemprego

**Nota biográfica/Biographical Note:** Licínio M. Vicente Tomás realizou a sua formação de base em Sociologia na FCSH da UNL (licenciatura e mestrado), é atualmente docente de Sociologia do Trabalho e Introdução à Demografia e Dinâmicas Demográficas e Sociais no Departamento de sociologia da FCSH UAC. Doutorada em Ciências Sociais desde 2004, é sociólogo e investigador, membro do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, Pólo Açores, tem dedicado estudos à questão das gerações e do envelhecimento quer na perspetiva da relação com o trabalho quer com os consumos e o lazer. Integra desde 2018 uma equipa de investigação sobre Turismo Sénior e faz pesquisa sobre fases de vida e gerações no trabalho, na educação e no lazer.

## **Painel - Empreendedoras, Empresárias e Cientistas / Entrepreneurs, Businesswomen and Scientists**

**Luíra Freire Monteiro** (UEPB – Brasil) – Donas de bens e de gentes: propriedade e empreendedorismo feminino na Capitania da Parahyba (1727-1820). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** No contexto da colonização do Brasil e na historiografia que aborda tal temporalidade, cristalizou-se a realidade doméstica como destino único das mulheres “de família”, reclusas dos “quartos de caritó” nas suas “fortalezas forradas de renda” e submissas ao patriarcado secular que deu forma àquela sociedade. Nossa pesquisa demonstra a quebra desse paradigma, posto desvendar dezenas de mulheres que detinham propriedades de bens e de gentes, administrando-as com mão segura, nos sertões da capitania da Parahyba. Tais dados emergem de um corpus documental de inventários e testamentos reveladores da existência e trajetória de mulheres que adquiriram o direito de administrar seus próprios patrimônios, herdados de pais e maridos, assumindo papéis tidos como essencialmente masculinos. Para tanto, analisamos os dispositivos jurídicos das Ordenações Filipinas relativo à posse e propriedade femininas, desvendando os aspectos das riquezas que constituíram a composição dos bens recebidos em herança por filhas e viúvas, elencando seus artefatos de distinção, tais como vestimentas, utensílios domésticos e objetos religiosos, bem como a posse e administração de escravos, terras e animais. Através dos percursos e rastros procuramos apreender as experiências que tais mulheres tiveram na posse de seus patrimônios nos sertões da capitania da Parahyba do século XVIII e início do XIX.

**Palavras-chave:** Mulheres, Propriedade, Fontes judiciais, Trabalho feminino

**Nota biográfica/Biographical Note:** PhD em História do Brasil, Doutora em História pela Universidade de Coimbra, Mestre em Economia pela Universidade Federal da Paraíba, Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba e Bacharel em Direito pela Fundação Universidade do Nordeste. Possui ampla experiência no ensino de História, atuando em temas da História local, da identidade e do patrimônio cultural. Dedicou-se, também, aos estudos sobre a Historiografia brasileira, História social da América portuguesa e hispânica, História social da colonização e do Império brasileiro, Intérpretes da Identidade nacional e Alteridade. Pesquisadora associada do Centro de História da Cultura e da Sociedade da Universidade de Coimbra. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL) da Universidade Estadual da Paraíba, atuando à frente do Laboratório de Conservação e Digitalização Documental (CDD Lab). Coordenadora do curso de pós graduação (lato sensu) Estudos em História local: sociedade, educação e cultura, vinculado ao PRPGP da UEPB. Coordenadora do programa de extensão PROEXT/ME, 2016: Proposições de reconhecimento, preservação e consumo do patrimônio cultural, a partir de ações educativas, em cidades da Paraíba. Líder do grupo de pesquisa História, Memória e Identidade local, do CNPQ.

**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa** (EA/UCP; CITAR (EA/UCP) – A Ourivesaria no feminino em Portugal no século XIX.

**Resumo/Abstract:** Se tradicionalmente se dizia que as mulheres ocupavam um lugar secundário no universo da ourivesaria do ouro e da prata, certo é que uma análise mais atenta permite identificar a participação de algumas delas no comércio e na execução de peças de metais preciosos, nos séculos XIX e XX.

Este trabalho permite abordar a presença de estabelecimentos comerciais de ourivesaria dirigidos por viúvas, em Lisboa e no Porto, no século XIX, bem como fornecer uma imagem de mulheres ligadas a diversos tipos de produção e comércio de ourivesaria ao longo do século XX.

Na centúria de Oitocentos, identificamos em Lisboa e, sobretudo, no Porto, a existência de diversas viúvas que assumiram os negócios dos seus maridos ourives, entretanto falecidos, sendo ou não acompanhadas pelos filhos. Aqui traremos alguns destes casos, como a Viúva Moreira & Filho, a Viúva Leitão & Filho, a viúva Nogueira & Filho, a Viúva de Jacinto Pinto das Neves & C.<sup>ª</sup>, a Viúva de Inocêncio Alves de Azevedo, entre outros, no Porto, e a Viúva Torres & F.<sup>ª</sup>, a Viúva Merea & C.<sup>ª</sup> ou a Viúva Meres & Filhos, em Lisboa. Existem referências a diversas mulheres elencadas entre os ourives portugueses sem a indicação de serem viúvas: D. Joaquina Emília Soares da Cruz, D. Margarida Coelho dos Santos, D. Maria Leopoldina Lopes Pereira. Analisaremos as circunstâncias históricas do funcionamento destes estabelecimentos, apresentando peças e materiais gráficos utilizados com a referência a algumas dessas proprietárias.

**Palavras-chave:** ourivesaria; estabelecimento comercial; trabalho feminino; Porto; Lisboa

**Nota biográfica/Biographical Note:** Gonçalo de Vasconcelos e Sousa é Professor Catedrático e Presidente do Conselho Científico da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Investigador integrado do CITAR (EA-UCP). Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História (2003), da Academia Nacional de Belas-Artes (2001) e da Academia Brasileira de Arte (2017), é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (2010) e membro honorário da PIN – Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea (2014).

**Johanne Arnfred** (Lund University) – Female ownership of artisan workshops in Southern Sweden, 1840-1880.

**Resumo/Abstract:** During the 19th century, more Swedish women gained the possibility to open artisan workshops due to new legislation connected to freedom of trade. Earlier, women were only allowed to run a workshop as widows of an artisan, but with the Factory and Handicraft Regulation (1846), the guilds were abolished and most women – if declared emancipated from guardianship – could start an artisanal business or register as self employed. In 1864, the Decree of Extended Freedom of Trade made it possible for an even larger group of women to open a workshop. This paper analyses how the changes in legislation affected the artisan trades and the number of workshops by looking at the socioeconomic background of new proprietors before and after the introduction of freedom of trade. A special emphasis will be on how female owners compared to the whole group. Most previous research focused on Swedish female artisans have dealt with earlier periods, and although some macro level studies have included female workshop owners, we do not know much about who these women actually were. By using annual craft censuses for selected Swedish towns in combination with public censuses, tax records, and probate documents, this paper aims to give us a closer look at female workshop owners, their background and their chances of running a successful business, compared to their male counterparts. When mapping their backgrounds, careers, households and connections, we can, through comparison get insights into how different barriers of entrance – such as the guilds or the capital needed to open a workshop in specific trades – affected various artisan professions during this period of increasing freedom of trade. Here, it is of special interest why some trades were more affected than others and how the career patterns and gender distribution of the artisans changed with the new legislation. The findings are put into context by looking at the overall development of Sweden, but also the more specific demographic, institutional, and economic changes to the towns included in the study.

**Palavras-chave:** Female Artisans, Businesswomen, Freedom of Trade, Gender Economics, Economic Development, Microeconomics

**Nota biográfica/Biographical Note:** Johanne Arnfred is a PhD student at the Department of Economic History, Lund University writing her dissertation on the topic of Swedish artisans in the 19th century. The focus of the project will be how the different trades were affected by social, economic, and institutional changes, such as abolishment of the guilds, industrialisation, and growing urbanisation and population increase. The main dataset consists of annual workshop level data, which makes it possible to follow the individual artisan and link them to other sources using a mixed methods approach. Of further special interest to the project is a discussion of the delimitation between different production types and how different categories, such as women or self-employed, have developed through the period. Other research interests include the history of Nordic mentalities and early nationalistic movements with a special focus on Finland.

**Valéria Andrade** (UFCCG) – Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), Jornalista: de Empresária a Empreendedora Social. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Trata-se de parte de uma pesquisa mais recente sobre Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), professora, jornalista, dramaturga e precursora brasileira na luta pelo direito ao voto das mulheres, cujos escritos circularam, à época, por todo o Brasil no jornal A Família (1888-1898), de sua propriedade (ANDRADE, 2021). Autora de vasta produção jornalístico-literária, a escritora inicia seu empreendimento na imprensa periódica do país no final de 1888, em São Paulo. Após seis meses de circulação nesta cidade, sem ter alcançado ali o total de duzentos assinantes, a proprietária do semanário Dedicado à Educação da Mãe de Família, segundo informava o subtítulo de A Família, anuncia a transferência de sua sede para o Rio de Janeiro. Deslocando-se da capital paulista para a capital do Império, Josefina de Azevedo adotaria o novo espaço urbano como plataforma de lançamento de maior alcance para suas várias propostas pelos direitos das mulheres. Se na primeira fase de sua longa existência, A Família foi o espaço de ação do projeto educativo de Josefina de Azevedo destinado à formação cidadã feminina, em pouco menos de um ano sua folha literária transforma-se em semanário de militância radical pela emancipação das mulheres, cuja grande circulação pelo país seria fomentada pela ação da rede informal de apoio e intercâmbio cultural criada pela imprensa feminista potencializada pela iniciativa da própria diretora, materializada nas inúmeras viagens que fez pelo território brasileiro para sua divulgação. Em abril de 1891, por cessão dos direitos de propriedade do jornal a uma sociedade anônima custodiada por instituição bancária com participação de acionistas, A Família passa a funcionar como periódico produzido em espaço laboral dotado de oficina para a prática formativa de mulheres para atuar profissionalmente no mercado gráfico-editorial. Josefina de Azevedo migrava do lugar de autora engajada e empresária do setor da imprensa periódica para ocupar o de empreendedora social avant la lettre ligada ao mercado editorial. A série de cometimentos empreendidos como propagandista obstinada do direito das mulheres ao acesso igualitário à educação, ao voto e à profissionalização, desde que fundara o jornal, já a aproximavam do contexto do empreendedorismo social em formação no Brasil.

**Palavras-chave:** Josefina Álvares de Azevedo, imprensa feminista, empreendimento jornalístico e empreendedorismo social brasileiros no feminino

**Nota biográfica/Biographical Note:** Professora brasileira na área de Literatura e Teoria Literária (Universidade Federal de Campina Grande e Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba). Licenciada em Educação Artística-Música (1987, UFPB), Mestra e Doutora em Letras (1995, UFSC; 2001, UFPB); Pós-doutora pelo Advanced Research in Utopian Studies- ARUS/CETAPS (2019, FLUP) e pelo Pós-Lit Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (2021, UFMG). Sua produção bibliográfica inclui os livros **Índice de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX** (Mulheres, 1996); **O Florete e a Máscara: Josephina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX** (Mulheres, 2001); **Maria Ribeiro: Teatro quase completo** (Mulheres, 2008; 2014); **Teatro quase completo de Lourdes Ramalho - V. 1: Teatro em cordel; V. 2: Mulheres** (EDUFAL, 2011); **Josefina Álvares de Azevedo, 1851-1913** (Biblioteca Nacional de Portugal, 2021) e **Inês&Nós: Trinta e Uma Histórias de Inês de Castro** (EDUEPB, no prelo).

**Bruna Valério** (CHAM Açores – NOVA/UAc) – “Por preços módicos” - mulheres, trabalho e publicidade nos Açores de 1850 a 1926.

**Resumo/Abstract:** É difícil negar, hoje em dia, a importância e peso que a publicidade possui para o sucesso de um negócio. E através da leitura de jornais açorianos, dos séculos XIX e XX, é também possível notar essa tendência. É grande o número de anúncios de diversas pessoas, de diferentes áreas e saberes, que faziam uso deste meio para publicitarem os seus serviços e as suas habilidades, sendo que as mulheres não eram exceção. De médicas a professoras, de costureiras a donas de diversos estabelecimentos, os periódicos eram um local onde anunciavam os seus negócios.

Abrangendo o período de 1850 a 1926, e com foco nas ilhas de São Miguel e Terceira, o objetivo desta comunicação é dar a conhecer algumas das mulheres (face à impossibilidade de se falar de todas as que foram encontradas durante a investigação) que marcaram a sua presença nos jornais através da publicidade das suas profissões e serviços ou produtos. Pretendendo ser uma contribuição para a História de Género e para a História dos Açores, através desta análise será possível, também, contribuir-se para a realidade diária da sociedade açoriana da altura, a nível do comércio, ao dar-se foco a um grupo que, por vezes, tende a ser esquecido no mundo do trabalho e dos negócios.

**Palavras-chave:** História da Mulher, História de Género, História dos Açores, trabalho feminino, imprensa açoriana, publicidade

**Nota biográfica/Biographical Note:** Bruna Travassos Valério é licenciada em História e mestre em História Insular e Atlântica (séculos XV a XX), ambos graus obtidos na Universidade dos Açores. Foi bolsista de investigação do projeto “Medical and Healthcare services in the First World War: the case of the Portuguese soldiers during and after The Great War (1914 – 1960)”. Colaborou, com pesquisa e tradução, com o historiador Guy Warner na elaboração do livro *Atlantic Linchpin – The Azores in the First World War* (aguarda publicação) e no livro *Atlantic Linchpin – The Azores in Two World Wars* (2021). Atualmente, integra a equipa do projeto Trabalho (no) Feminino (1850 - 1926) - Histórias dos Açores, Projeto financiado pela Direção Regional da Ciência e Tecnologia - Ref. M1.1.C/C.S./022/2019/01. É também Colaboradora do CHAM - Açores (Centro de Humanidades - Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores).

**Teresa Perdigão** (IELT – UNL) e **Norberta Amorim** (CITCEM/FL-UPorto) – A Primeira geração de rendeiras da ilha do Pico Uma indústria sustentada no feminino.

**Resumo/Abstract:** No início do século XX, a freguesia de S. Mateus (Pico, Açores) sustentava uma organizada indústria de rendas de farpa, de grande relevância para a economia familiar.

O esquema organizativo rentabilizava a mão-de-obra, toda ela feminina, não havendo qualquer encargo para a rendeira, senão a prestação do trabalho, segundo normas acordadas com a mulher que dava rendas a fazer. Era da sua competência fazer o maior número possível de rosetas que entregava à empresária que, por sua vez, as mandava ligar entre si, a outras rendeiras com essa especialidade, formando naperons, blusas, luvas ou rendas de lençol.

Apesar desta indústria se ter expandido por todo o sul da ilha, foi na freguesia de S. Mateus que as mulheres, nascidas na última década do século XIX e na primeira do século XX, constituíram a primeira geração de rendeiras.

Para reconstituir a história desta indústria caseira, recorreremos não só a testemunhos de rendeiras, como também à base de dados organizada e coordenada por Norberta Amorim, que regista a genealogia das famílias da Ilha do Pico, bem como as suas profissões e rendimentos.

Analisaremos as condições que proporcionaram tão organizada rede de trabalho, dando relevo à intervenção das filhas de uma família de armadores, vinda dos Estados Unidos, elas próprias rendeiras e conhecedoras de fiões de exportação e venda das rendas. Tal ação contribuiu decisivamente para que as mulheres fossem substituindo o delicado fio de algodão e a finura da farpa, pela áspera e grosseira lã que urdiam, fiavam e teciam ou tricotavam.

O facto de já serem especializadas nestas práticas e abastecerem um mercado exógeno contribuiu para a constituição de uma forte organização de rendeiras que, sem posses para adquirir o algodão, dependiam de quem *dava rendas a fazer*. Mais tarde, outras mulheres, de famílias abastadas, tornaram-se empresárias locais.

De tecedeiras e meeiras, passaram a rendeiras profissionais e foram as traves-mestras para que uma frágil subsistência se tornasse numa oportunidade para o sustento da casa, para comprarem o pequeno barco de pesca e porem os filhos a estudar.

**Palavras-chave:** Rendas, Açores, Trabalho feminino, rendeiras, empresárias

#### **Notas biográficas/Biographical Notes:**

Teresa Perdigão (n.1951), antropóloga, investigadora no IELT - UNL. É membro da DIAITA - patrimónios alimentares da lusofonia. É autora, entre outros títulos de: “A Tecelagem no ex-Distrito da Horta – Memórias e Lugares”, in *Tecelagem dos Açores, Contornos Insulares* (2019); *Doçaria Açoriana – Da História que os Gestos Contam* (2016). *Serpentina - Uma tradição de raiz* (2013); “A primeira geração de rendeiras de farpa” in *Rendas do Pico e do Faial*, (2004); *Os Tesouros do Artesanato em Portugal*, Editorial Verbo.

Realizou e co-realizou: *Nas Termas da Rainha* (1996); *Florípes – O Auto de Florípes na Ilha do Príncipe* (1998); *Pico - A Ilha da Montanha* (2004).

Maria Norberta Amorim, professora catedrática aposentada da Universidade do Minho, é coordenadora, em parceria, do Grupo de Populações e Saúde do CITCEM (FLUPorto) e responsável científica do Repositório Genealógico Nacional (RGN) ([www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)). O RGN é uma base de dados central com ambição de integrar toda a informação paroquial organizada, dando resposta à apetência pelo conhecimento das raízes e às ambições científicas em Demografia Histórica e

História Social. Tem incidindo, em parceria ou isoladamente, em algumas das suas publicações, sobre as atividades artesanais femininas no século XIX e inícios do XX, e identificado, em comunidades concretas, rendeiras, fiadeiras e tecedeiras, cuja produção se destinava não só ao conforto doméstico, mas principalmente ao mercado.

21 de junho de 2022 | june 21st 2022

## Painel – Operárias, camponesas e artesãs / Female Workers and Artisans

**Tamara González López** (Universidad de Coruña) – Carregar enjeitados: a profissionalização de uma necessidade social (Galicia - século XIX). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** O aumento do abandono de crianças no interior de Galicia no século XIX levou emparelhado o surgimento de novas oportunidades de trabalho para as mulheres. Até a abertura das Rodas de Ourense e Lugo, todos os enjeitados tiveram de ser levados a Santiago de Compostela. Este traslado foi realizado principalmente por mulheres, quem, devido ao alto número de abandonados, chegaram a se especializar como condutoras de enjeitados. A contratação podia efetuar-se a nível individual ou pelas próprias autoridades civis.

O abandono de crianças no sul da província de Lugo foi focado na cidade de Monforte de Lemos e ao longo do Caminho Real. Por isto, houve dois perfis de mulheres que se dedicaram a carregar enjeitados. Por um lado, mulheres de origem rural que precisavam duma remuneração complementar para a família. Por outro lado, mulheres moradoras na cidade que estavam relacionadas com o mundo da pobreza e da marginalidade.

Pretendemos abordar o perfil sociológico e ocupacional destas mulheres para tentar explicar as suas condições de emprego e as razões pelas que optaram por fazer essa actividade económica. A viagem até Santiago de Compostela durava vários dias e era perigosa para uma mulher que viajasse por si só. Portanto, analisamos os itinerários seguidos, o tempo que demoravam, quem usou seus serviços e quanto percibiram por fazer a viagem. Mais também queremos estudar o seu perfil familiar: seu estado civil, a situação económica ou se estavam ligadas de algum jeito ao nascimento de filhos ilegítimos.

As fontes principais que utilizamos são as certidões de batismo das freguesias do interior de Lugo e a documentação notarial e municipal. Mas também não devemos ignorar aos tratados morais e a imprensa da época que desenhavam uma imagem dessas mulheres certamente negativa. Consequentemente, analisar as fontes diretas é preciso para comparar esta imagem com a realidade das mulheres que carregaram e cuidaram dos enjeitados até Santiago de Compostela.

**Palavras-chave:** exposição de crianças, circulação de crianças, trabalho feminino, Galicia (Espanha)

**Nota biográfica/Biographical Note:** Graduada em História pela Universidade de Santiago de Compostela (2009-2013) (Galicia, Espanha). Em 2015, obteve um contrato predoutoral para ingressar num projeto de pesquisa, no âmbito da qual desenvolve sua tese de doutorado e realiza uma estadia no Centro Roland Mousnier (París, França). No final de 2018, defende sua tese de doutorado que se enfoca nas práticas religiosas nas comunidades paroquiais do interior da Galiza. Desde 2020 é professora na Universidade da Coruña (Galiza) na área de História e Instituições Económicas.

A sua investigação está atualmente orientada para as relações socioprofissionais femininas na Galiza do Antigo Regime, com especial atenção ao âmbito do parto e da maternidade.

**Ana Alcântara** (IHC - NOVA FCSH / ESE/IPS) – Mulheres no território. O trabalho fabril feminino na Lisboa do final do século XIX. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** “Entre as classes operárias, o miserável emprego [é] dado às mulheres.”<sup>1</sup>

No final do século XIX, as mulheres faziam parte integrante do crescente operariado lisboeta. Em fábricas onde “centenas de pequeninas mulheres andam (...), derreadas e atentas, moirando”<sup>2</sup> ou “no Chiado (...) as costureiras trabalhando em “ateliers” onde o ar é péssimo.”<sup>3</sup> Mas quantas eram as mulheres que procuravam “um meio de vida nas indústrias e artes”<sup>4</sup> da Lisboa de então? Onde e em que setores de produção se desenvolvia o trabalho fabril e oficial feminino? Como se caracterizava esta mão-de-obra? Que idade tinham? Quantas sabiam ler?

A partir do *Inquérito Industrial de 1890*<sup>5</sup> - muito detalhado em informação relativa a fábricas e oficinas com mais de cinco trabalhadores/as, inclusivamente, nos dados que são diferenciados por género dos/as trabalhadores/as em cada estabelecimento industrial de Lisboa - pretende-se observar o universo do trabalho industrial feminino lisboeta na época. Analisando-o tendo em conta a localização dos espaços laborais, o número de operárias, a sua idade, alfabetização e setores industriais em que trabalhavam. Procura-se, assim, contribuir para a entendimento das dinâmicas internas e caracterização deste grupo de mulheres - operárias lisboetas - mas também como o trabalho fabril feminino marcava o território na Lisboa do final de Oitocentos.

1 ORTIGÃO, Ramalho, QUEIROZ, Eça, As Farpas, Lisboa, Typographia Universal, novembro 1872, p.43

2 BOTELHO, Abel, Amanhã, Porto, Lello & Irmãos editores, 1901, p.258

3 BRANDÃO, Raúl, Os operários, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1984, p. 154

4 O Eco Metalúrgico, no79, ano II, 04/07/1897, p.3

5 Inquérito industrial de 1890, Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria, Direcção Geral do Commercio e Industria, Lisboa, IN, 1891

**Palavras-chave:** Mulheres, Território, Trabalho, Lisboa, Operariado, Século XIX

**Nota biográfica/Biographical Note:** Ana Alcântara [Ciência ID 621E-AA48-666E] é historiadora, docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE-IPS) e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC - FCSH/NOVA). É doutorada em História, com mestrado em Ciência e Sistemas de Informação Geográfica e licenciatura em História variante Arqueologia. Tem como principais interesses de investigação a História local e a História urbana, encarando o território e os espaços vividos pelas comunidades como variável fundamental para a compreensão dos fenómenos e processos históricos.

**Teresa María Ortega López** (Universidad de Granada) – La “cuestión agraria”, una “cuestión de género”. Trabajo, imágenes y representaciones de las mujeres del campo en España 1890-1936.

**Resumo/Abstract:** En los últimos años las mujeres del mundo rural parecen haber roto definitivamente su silencio y han alzado la voz en defensa de la igualdad. Su protesta y su organización adquieren una mayor notoriedad si se piensan desde una perspectiva histórica. Con el ánimo de seguir centrando las discusiones y el debate sobre la crisis agraria en Europa a finales del siglo XIX, esta comunicación parte de la hipótesis siguiente. Que de la mano de la tan reclamada modernización de la agricultura y de las transformaciones políticas y convulsiones sociales acontecidas en la España rural de aquellos años, el factor “género” fue considerado un elemento más y decisivo para la superación de la crisis agraria finisecular.

**Palavras-chave:** Mujeres rurales, Agricultura, Sociedad rural, Estado, Crisis Agraria Finisecular

**Nota biográfica/Biographical Note:** Teresa María Ortega López es Doctora en Historia Contemporánea por la Universidad de Granada y Catedrática de Historia Contemporánea en esta universidad. Sus líneas de investigación las ha centrado en el estudio de las relaciones laborales y la conflictividad social durante la dictadura Franquista y la Transición Política a la democracia, así como en el análisis de los orígenes políticos, sociales y culturales del régimen del general Franco. Mas recientemente se ha ocupado del estudio del mundo rural y de la historia de género. Temas que ha dejado plantados en numerosos libros y artículos de revistas especializadas. Entre sus publicaciones destacan los libros *Jornaleras, campesinas y agricultoras. La historia agraria desde una perspectiva de género*, Prensas Universitarias de Zaragoza, Zaragoza, 2015; *La España rural. Siglos XIX y XX. (Aspectos políticos, sociales y culturales)*, Comares, Granada, 2011; *Feminismos y Antifeminismos. Culturas políticas e identidades de género en la España del siglo XX*, Publicaciones de la Universitat de València, 2011; *Mujeres, dones, mulleres, emakumeak. Estudios sobre la historia de las mujeres y del género*, Cátedra, Madrid, 2019. Ha sido profesora visitante en las universidades de Paris VIII, en la London School of Economics and Political Science, en la Universidad de Roma III y en la Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina).

**Maria Izilda Matos** (PUC - S. Paulo) – Mulheres imigrantes portuguesas: presença e ocultamento (São Paulo/Br., sécs. XIX e XX). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Esta proposta recupera a presença feminina no processo de e/imigração para São Paulo/Br, abordando aspectos diferenciados das experiências, ações cotidianas, atividades de trabalho e background cultural das mulheres imigrantes portuguesas. Na investigação utiliza uma diversidade de fontes que incluem cartas, prontuários, depoimentos, memórias, imprensa diária e operária, fontes empresariais e registros censitários, entre outras. Procura-se destacar o protagonismo da mulher imigrante portuguesa tanto no meio rural paulista, marcado pela expansão da cafeicultura, quanto nas cidades, nas quais sua presença nos ofícios urbanos, no comércio, na indústria e nos afazeres domésticos é marcante. Propõe-se ainda a abrir horizontes metodológicos para os estudos dos deslocamentos, questionando o imigrante universal masculino e destacando a importância de se observar a experiência migratória a partir de outros olhares, inclusive o feminino.

**Palavras-chave:** Mulheres imigrantes portuguesas, Gênero, trabalho, presença, cotidiano

**Nota biográfica/Biographical Note:** Maria Izilda Santos de Matos possui graduação (USP/1978) e doutorado em História (USP/1991), Livre docência (PUC/SP 2016) e pós-doutorado Université Lumière Lyon 2/França (1997). **Professora Titular da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de SP), Pesquisadora 1 A do CNPq, classificada no AD Scientific Index 2021 Latin America TOP 1000 Scientists.** Tem experiência na área de História, atuando nos seguintes temas: história da imigração portuguesa, história das mulheres e gênero. Entre sua ampla produção bibliográfica destaca-se: *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco*, E@manuscrito, 2017. *Por uma história das mulheres*. 2. ed. EDUSC. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho, SP, E@manuscrito, 3.ed. 2019. *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano SP*. EDUSC, 2013. *Portugueses: ações e lutas políticas: RJ e SP*, Verona editores, 2015. Acesso ao CV: <http://lattes.cnpq.br/3818957885297532>

**Paulo Marques Alves** (ISCTE-IUL / IHC - NOVA FCSH) – Sindicalismo, sexismo, separatismo: o caso das operárias conserveiras de Setúbal no dealbar do século XX. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Perrot (1978) e Schweitzer (2002) sublinham que as mulheres sempre trabalharam, trabalho que só nas últimas décadas foi tornado visível, não só no estrangeiro, mas também em Portugal, com as obras de Baptista (1999, 2016). O mesmo sucede com a sua participação no processo histórico. Se Virginia Woolf proclamou, num conhecido ensaio de 1929, a necessidade de se reescrever a História para que às mulheres fosse dado o destaque a que tinham direito, somente seis décadas depois, como notou Scott (1983), é que as prateleiras das livrarias e das bibliotecas começaram a estar relativamente bem guarnecidas com obras realçando o papel da mulher na história.

A “militância no feminino”, tradicionalmente menos intensa, ao ser travada por factores de ordem social, económica e cultural, esteve durante muito tempo igualmente envolta no silêncio, tendo sido necessário esperar pelos últimos trinta anos para que as ciências sociais comesçassem a interessar-se por ela, assistindo-se a um considerável incremento na investigação, abrangendo um conjunto diversificado de temáticas. Este silêncio é ainda mais profundo em Portugal, encontrando-se as mulheres praticamente ausentes das obras dedicadas às associações operárias e seus militantes, sejam ou não produzidas na academia. Esta constatação abrange os vários períodos históricos, constituindo raras exceções as obras de Baptista (2012), sobre as associações mutualistas, ou de Alves (2013, 2020) sobre os sindicatos.

Nos alvares do século XX, instalaram-se em Setúbal inúmeras fábricas de vários ramos

de atividade. Em particular, da indústria de conservas, onde as mulheres eram segregadas para os trabalhos menos qualificados e impedidas de pertencer à Associação de Classe dos operários de ofício. Como reação, adotaram uma estratégia de separatismo (Briskin, 1998), fundando a sua própria associação e empreendendo formas de ação coletiva, como a greve de 1911.

Baseando-se em análise documental, esta comunicação é um contributo para tirar da sombra o trabalho das mulheres e a sua participação sindical. Centra-se sobre as operárias conserveiras de Setúbal, o seu trabalho, as condições em que era prestado e de que deram conta em publicações operárias da época, bem como sobre a Associação de Classe das Operárias das Fábricas de Conservas de Peixe de Setúbal.

**Palavras-chave:** Mulheres, trabalho, indústria de conservas, sindicatos, militância

**Nota biográfica/Biographical Note:** Paulo Marques Alves é Licenciado, Mestre e Doutor em Sociologia pelo ISCTE. É Professor Auxiliar no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, onde tem lecionado nos domínios das teorias sociológicas; das metodologias de investigação; do trabalho, emprego e organizações; e das relações sociais de trabalho. É investigador

integrado do DINÂMIA'CET-Iscte e investigador associado do IHC/Nova FCSH. Tem participado em projetos de investigação nacionais e internacionais e é autor de inúmeras publicações nos campos disciplinares anteriormente referidos. Tem integrado comissões científicas e/ou organizadoras de diversas iniciativas científicas. É membro de várias associações profissionais e integra algumas redes de investigação, sendo ainda membro do conselho de edição de quatro revistas científicas.

**Ana Cristina Sousa; Cecília Cardoso e Diana Felícia (CITCEM – FL-UPorto)** - “O outro lado do espelho”: O papel das mulheres nos trabalhos de ourivesaria, marcenaria e fundição de ferro em Gondomar.

**Resumo/Abstract:** Gondomar localiza-se a escassos quilómetros da cidade do Porto, integrando a sua área metropolitana. Território de forte tradição agrícola, o município sofreu a partir da segunda metade do século XIX os efeitos da revolução industrial. Pela ampla disponibilidade de matéria prima (madeira e carvão), pelas possibilidades de escoamento e transporte oferecidas pelo rio Douro, que contorna o sul o concelho, e pela existência de uma ampla mão de obra, alimentada pelo êxodo migratório que se deslocou rumo ao litoral no século XIX, Gondomar tornou-se um território muito atrativo para a fixação e proliferação das mais diversas indústrias, envolvendo desde cedo o trabalho feminino. Por esse motivo, gerou-se uma organização laboral muito específica onde, em contexto oficinal ou a partir das suas habitações, as mulheres participavam ativamente na produção de peças de ourivesaria, nos trabalhos em madeira e de peças em ferro fundido, para nomear alguns dos ofícios mais prolíferos nesta geografia.

No caso da marcenaria, onde o envolvimento das mulheres decorria em contexto doméstico, proliferam as “empalhadeiras” (responsáveis pela produção da técnica da palhinha), “estofadoras”, “manipuladoras de tabaco” e as “manipuladoras de fósforos”. No trabalhos do ouro, “enchadeiras” e “engatadeiras” trabalhavam, também, no recato das suas casas, para assegurar as etapas mais minuciosas da produção. A maior parte destas mulheres são vultos anónimos nas fontes primárias, testemunhas silenciosas de uma atividade feminina que oficialmente nunca existiu. As entrevistas com as artesãs gondomarenses na atualidade são, por isso, fulcrais para o entendimento destes ofícios.

Já na indústria do ferro, e mais concretamente na Companhia Industrial de Fundição (CIF), as mulheres ocupavam igualmente um papel preponderante, ocupando as funções de “carrejonas” (transportando o carvão para as diversas zonas da fábrica), de “serventes” ou de “ajudantes” nas diversas secções da fábrica. O seu estudo é possível através das Fichas de Identidade e Cadastro de Pessoal, fonte essencial para o estudo das dinâmicas profissionais desta unidade fabril.

Com esta comunicação pretendemos apresentar a realidade específica de Gondomar, demonstrando os diversos modos em que as mulheres integravam o mercado de trabalho, as funções que ocupavam e o impacto que tiveram naquela comunidade.

**Palavras-chave:** Mulheres, marcenaria, ourivesaria, ferro fundido, ofícios, Gondomar

#### **Notas biográficas/Biographical Notes:**

Ana Cristina Sousa é professora auxiliar da Faculdade de Letras do Porto (FLUP – DCTP), da área científica de História da Arte, membro do Departamento de Estudos do Património e investigadora do grupo “Património Material e Imaterial” do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”). Desenvolve investigação nas áreas da cultura visual e iconografia em particular, artes dos metais (técnicas e formas) e arte medieval e moderna. Investigadora responsável pelo projeto de preparação e submissão (outubro de 2020) da candidatura da Filigrana de Gondomar a Património Cultural Imaterial (Inventário Nacional). Reúne, também, algumas publicações no âmbito da informação turística, tendo sido autora de manuais escolares de História para o 3º Ciclo.

Cecília Cardoso é licenciada em História da Arte (2017) e Mestre em História da Arte e Cultura Visual (2019) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo realizado um estágio curricular no Núcleo de Turismo da Câmara Municipal de Gondomar neste âmbito. No presente é doutoranda em Estudos do Património pela mesma Faculdade, cujo projeto é financiado pela FCT com a referência 2020.06909.BD e orientado pela Prof.ª Doutora Ana Cristina Sousa. No seu percurso profissional tem apresentado comunicações e redigido artigos relacionados com os ofícios e técnicas tradicionais da madeira. Em 2021 contribuiu na organização da Exposição Documental “Móveis Giestas: A Memória de uma Fábrica”. É ainda investigadora integrada no CITCEM e associada da Asociación para el Estudio del Mueble.

Diana Felícia é licenciada em História da Arte (2017) e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual (2019) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo realizado um estágio curricular no Núcleo de Turismo da Câmara Municipal de Gondomar subordinado ao tema da fundição de sinos. É doutoranda em Estudos do Património na mesma faculdade, projeto financiado pela FCT com a referência 2021.06713.BD. Diana Felícia é investigadora integrada no CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, e membro do TICCIH - International Committee for the Conservation of Industrial Heritage, da ASPM - Association for the Conservation and the Promotion of Haut-Marnais e da APPI - Associação Portuguesa de Património Industrial.

**Catarina Veiga dos Santos (HTC/CFE FCSH-UNL)** – A Fábrica no feminino: As mulheres operárias na cidade de Lisboa (1910-1976). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** O trabalho feminino é uma realidade desde sempre, durante várias épocas este era invisível, mesmo sendo essencial. No início da revolução industrial, muitas mulheres abandonam as pequenas manufacturas ou as pequenas produções agrícolas geridas no

seio familiar pelo trabalho na fábrica. É com a revolução industrial em Inglaterra a divisão do trabalho pelo género se torna um conceito rígido, apesar dos papéis de género estarem assentes nas mentalidades e comportamentos, as tarefas no campo e nas proto-indústrias familiares eram atribuídas consoante a necessidade de trabalho e a mão de que se dispunham, fazendo com que as tarefas das mulheres fossem muito mais diversas. Com a industrialização, as operárias desempenhavam as tarefas que requeriam mais delicadeza, menos formação técnica e consequentemente tinham os salários mais baixos. O trabalho feminino nas fábricas foi sempre encarado como inferior e encontrou muita resistência em toda a sociedade, especialmente entre os homens operários.

Nesta comunicação pretendo caracterizar as mulheres operárias da cidade de Lisboa, durante período da I República (1910-1926), o Estado Novo (1933-1974) e nos primeiros anos em liberdade, analisado a evolução da sua realidade e de que formas os vários regimes políticos influenciaram as condições de vida e de trabalho destas mulheres na cidade Lisboa enquanto espaço urbano e industrial. Identificando também

as suas formas de luta e resistência nas organizações operárias. Esta análise será feita através de documentação consultada na Torre do Tombo, Ministério do Trabalho, no Instituto Nacional de Estatística, Arquivo Municipal de Lisboa, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Arquivo do PCP e ainda com o recurso à História Oral.

**Palavras-chave:** mulher, operária, trabalho, Lisboa, indústria

**Nota biográfica/Biographical Note:** Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2019). Está neste momento a realizar a sua dissertação de mestrado *A Fábrica no Feminino: As mulheres operárias na cidade de Lisboa (1910-1974)*, em História Contemporânea na mesma faculdade. As suas principais áreas de interesse e investigação são: história da mulher, história da indústria e história económica e social.

**Cristina Somolinos Molina** (Universidad de Alcalá - CHAM/NOVA FCSH) - "La 'mujer nueva' ha hablado": diálogos entre Luisa Carnés y Alexandra Kollontai en Tea rooms. *Mujeres obreras (1934)*. | **online**

**Resumo/Abstract:** En los últimos años, la obra de Luisa Carnés ha gozado de una importante difusión y del reconocimiento social que se le había negado en décadas anteriores. Desde su experiencia de trabajadora en un salón de té y su conciencia obrera, Luisa Carnés escribe la novela *Tea rooms. Mujeres obreras* en 1934, describiendo la experiencia y explotación de las obreras del sector servicios en el Madrid contemporáneo. En esta comunicación, dedicaré mi atención a explorar los diálogos que se establecen entre la obra de Luisa Carnés y las ideas contenidas en el ensayo de Alexandra Kollontai *La mujer nueva y la moral sexual*, que fue traducido al y publicado por primera vez en España en 1931.

**Palavras-chave:** mujeres obreras, II República Española, lucha colectiva

**Nota biográfica/Biographical Note:** Cristina Somolinos Molina é investigadora de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa. É doutorada em Literatura Espanhola pela Universidade de Alcalá, com uma tese sobre as representações culturais das mulheres trabalhadoras na narrativa espanhola contemporânea. Publicou artigos académicos sobre imaginários literários em relação a processos sociais e históricos numa perspectiva de género e é autora da monografia *Rojas las manos. Mujeres trabajadoras en la literatura española contemporánea* (Comares, 2022, no prelo) e co-editora, juntamente com Rocio Negrete Peña, do livro *Las mujeres que cosían y los hombres que fumaban. Voces de mujeres trabajadoras en la España contemporánea* (UMA, 2021) e editora de *Narrar la grieta. Isaac Rosa y los imaginarios emancipadores en la España actual* (Iberoamericana/Vervuert, 2022, no prelo).

**Susana Pacheco** (Arqueóloga Independente) – Why do we need a gender archaeology when studying factories? | **online**

**Resumo/Abstract:** Gender is a structural principle in our society, influencing the way we see and comprehend the world, also dictating our behaviour as individuals. In Portugal, just like in the rest of the world, women were present in the industrialization process, worked in factories and inclusively (in the Portuguese case) had a specific legislation that regulated their work. However, their role in industry continues to be ignored or diminished by most historiography or archaeological studies.

In industrial archaeology studies, is frequent to treat working class as a collective entity, although questions related to gender are present in everyday life of factory units and the difficulties and fears felt by elements of different genders were distinct, so they should not be analysed as a whole, even if this is still happening in most cases.

This communication intends to contribute to widen the debate about women's role in Portuguese industry and discuss the relations between different genders coexisting on the workplace daily, trying to understand how these women's lives were. To achieve this, photographs will be analysed through an archaeological vision, facing them as elements of material culture, as objects of value that circulated and survived until the present in different forms.

Photographs can provide several evidence about the events portrayed on them, not only through their content, but also by their physical characteristics, making possible to establish their biographies and consequently of the ones represented on them or the ones who kept them over time. However, we can never forget that these were frequently used as propaganda, meaning they were often staged. Therefore, photographs should always be analysed and questioned, never accepting as absolute truth what they portray. This is other aspect that will be debated in this communication.

**Palavras-chave:** Photography, Industrial Archaeology, Working-class, Factory Units, Social Inequalities

**Nota biográfica/Biographical Note:** Concluiu a Licenciatura em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 2014. Em 2017 terminou o Mestrado também em Arqueologia, com especialização em Arqueologia Industrial, na mesma instituição. Fez um estágio profissional na Fundação Robinson, em Portalegre, onde teve a oportunidade de desenvolver trabalhos na área do inventário patrimonial e serviços educativos. Fez parte do projecto de investigação "A Era do Vapor em Portugal (1820-1974) do Instituto de História Contemporânea/Universidade Nova de Lisboa, do projecto "Caima, 130 anos a produzir inovação". Mais recentemente tem trabalhado em arqueologia empresarial e colaborado na organização da exposição "Os primeiros anos do vapor (1820-1870). 2.º Centenário da Introdução da Energia a Vapor em Portugal".

## **Painel - Operárias, camponesas e artesãs (cont.) / Female Workers and Artisans (cont.)**

**Laura Cabezas Vega** (Universidad de Granada) – Trabajo femenino en los poblados de colonización del franquismo. | **online**

**Resumo/Abstract:** Al término de la Guerra Civil, el régimen franquista llevó a cabo un plan de colonización agraria que dio lugar a la creación de casi 300 poblados de nueva formación. Este proyecto, que enlazaba con programas de colonización precedentes (desde los implementados en tiempos de Carlos III a los proyectados por la Reforma Agraria durante la Segunda República -de la que se desvinculaba radicalmente-) conllevó una transformación del medio rural no solo a nivel territorial y económico, sino también social.

La creación de los nuevos poblados supuso el intento de materialización de un ideal de sociedad rural basada en los principios ideológicos del régimen, donde las identidades de género quedaban fuertemente delimitadas: mientras que el varón se relacionaba con el trabajo productivo, y por tanto, con el espacio público, la mujer quedaba relegada al interior de la casa.

Sin embargo, a pesar de que el proyecto establecía funciones diferenciadas, las mujeres acabaron asumiendo una doble carga de trabajo que ha sido invisibilizada debido a su consideración de mera colaboradora o ayudante. A través del análisis de diversos casos de estudio, se pretende reflexionar sobre la importancia del trabajo femenino en el desarrollo económico y social de la España rural.

**Palavras-chave:** trabalho feminino, mundo rural, colonización agraria, Franquismo

**Nota biográfica/Biographical Note:** Laura Cabezas Vega é licenciada em História da Arte pela Universidade de Granada, onde continuou a sua formação com um duplo mestrado em formação de professores, e em investigação em História: da Europa à América. Sociedades, Poderes, Culturas (EURAME). Está actualmente a trabalhar num contrato de investigação pré-doutoral (FPU) no Departamento de História Contemporânea da UGR, onde está a trabalhar na sua tese de doutoramento sobre as mulheres e a colonização agrária durante o regime de Franco.

**Frederica Claro de Armada (UMAR)** – Mulheres Mineiras e Contrabandistas em Tempos de Guerra.

**Resumo/Abstract:** Durante a Segunda Guerra Mundial a vida em Portugal tornou-se mais difícil, com o racionamento de alimentos e a falta de trabalho. Por todo o país sentiu-se a febre dos minérios para o armamento, que trouxe riqueza a Portugal, e esperança num futuro e numa vida melhor para algumas populações rurais. Em Riba de Âncora, concelho de Caminha, Alto Minho, as mulheres acompanharam os homens nessa febre nas minas de estanho em Reibô, Balaute, Amonde e Orbacém e nas minas do volfrâmio, no Cerquido. Reunimos aqui testemunhos de várias dessas mulheres, numa continuação do trabalho da historiadora Fina d'Armada. Registam o quotidiano difícil, o trabalho, o contrabando, a violência e a morte, os amores e casamentos, e sobretudo as mudanças na sociedade e a emancipação que as guerras trazem à vida das mulheres.

**Palavras-chave:** Mina, volfrâmio, estanho, Riba de Âncora, contrabando, Segunda Guerra Mundial

**Nota biográfica/Biographical Note:** Frederica Claro de Armada, nascida no Porto, com origens familiares em Riba de Âncora, Caminha. Filha do pintor Claro Fangio e da historiadora Fina d'Armada, desde cedo ganhou o gosto pela História. Licenciada em Turismo em Viana do Castelo e doutoranda na Universidade de Lisboa. Activista política desde jovem e autarca em Rio Tinto, Gondomar.

Feminista e activista pelos direitos da Mulher, membro da direcção da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta e do Observatório das Mulheres Assassinas. Coordenadora editorial, designer e organizadora de eventos. Consultora museológica e coordenadora global de projeto em dois museus do Porto.

**María Mercedes China Oliva** (Universidad de La Laguna) - "Demando a ...". Análisis de las reivindicaciones laborales de las mujeres rurales a través de los expedientes de la Junta de Conciliación Local de Adeje (Sur de Tenerife), 1960-1966. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Durante los años centrales de la dictadura franquista las condiciones laborales en el mundo rural sufrieron un claro retroceso en cuanto a las expectativas que se habían forjado durante el período republicano. En Canarias, la actividad agroexportadora de tomates y plátanos mantuvo sus privilegios como uno de los pilares de la actividad económica insular gracias, en gran medida, a la represión, sobreexplotación y control de los trabajadores rurales a través de su encuadramiento en los Sindicatos Verticales. En este sentido, las Hermandades de Labradores y Ganaderos se convirtieron en instrumentos de control político y de coacción económica. A través de uno de los organismos que garantizaba el encuadramiento sindical tanto de los propietarios como de los trabajadores, las Juntas de Conciliación Sindical, nos proponemos analizar la presencia de las mujeres rurales de Adeje (Sur de Tenerife) en los procesos de demanda a las empresas agrícolas en los años centrales de la década de los sesenta del siglo XX.

**Palavras-chave:** franquismo, trabalho, mujeres rurales, reivindicaciones sociales, Junta de Conciliación

**Nota biográfica/Biographical Note:** Mercedes China Oliva (Arona-Santa Cruz de Tenerife-1969) es Licenciada en Geografía e Historia por la Universidad de La Laguna. Máster en Archivística por la Fundación Carlos de Amberes (UNED), Máster en Conservación, Gestión y Difusión del Patrimonio por la UOC y Experto en Gestión del Patrimonio Arqueológico por la UOC. En la actualidad, realiza su tesis en el marco del Programa de Doctorado "Islas Atlánticas: historia, patrimonio y marco jurídico-institucional" de la ULL. Su proyecto de investigación analiza el papel de las mujeres en el ámbito de los cultivos de exportación desarrollados en el Sur de Tenerife entre 1900 y 1965.

**Daniela Soares** (CICS.NOVA) e **N'zinga Oliveira** (CHAM Açores -NOVA/UAc) – Vidas em casa alheia: mulheres do trabalho doméstico.

**Resumo/Abstract:** O papel das mulheres tem estado, desde há muito, associado ao cuidado do lar agrupando várias tarefas de trabalho doméstico que incidem para além das suas próprias casas. Numa pesquisa à imprensa açoriana do final do século XIX e inícios do XX, constata-se que esta prestação de serviços recorria, muitas vezes, a anúncios nos principais jornais locais para publicitar a procura e a oferta de serviços ao, e no domicílio. Numa breve análise, encontramos em anúncios, que explicitam especialidades do serviço doméstico, várias tipologias de tarefas a desempenhar, sendo, no entanto, desconhecido o valor correspondente para a maioria dos casos. Efetivamente, a escassa documentação sobre o trabalho doméstico tem dificultado o estudo histórico do impacto económico desta atividade, mas algumas fontes, como a imprensa, permitem-nos uma análise social.

Este breve estudo pretende, ainda, apresentar uma perspetiva das características e/ou competências mais procuradas nas trabalhadoras domésticas, bem como das condições oferecidas pelos patrões. Considerando as características requeridas, importa aferir, também, se os serviços eram procurados para trabalhadoras internas ou externas, e se para situações pontuais ou de longa duração, variáveis que se refletiam no modo de vida e no quotidiano das trabalhadoras e dos patrões. A dimensão da análise será um contributo para a valorização do trabalho doméstico, maioritariamente feminino, atribuindo-lhe uma visibilidade justa, que reflète o peso social e económico do trabalho das mulheres.

**Palavras-chave:** Trabalho doméstico, Mulheres açorianas, História dos açores

### **Notas biográficas/Biographical Notes:**

Daniela Soares é licenciada, mestre e doutorada em Sociologia. É investigadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA). É docente na Universidade dos Açores e técnica superior com funções de coordenação do Centro de Informação, Promoção e Acompanhamento de Políticas de Igualdade (CIPA) gerido pela Novo Dia - Associação para a Inclusão Social. Em 2017, foi eleita conselheira para a área da igualdade de género no extinto Conselho Regional de Concertação Estratégica da Região Autónoma dos Açores e, desde 2019, no Conselho Económico e Social da Região Autónoma dos Açores. Participou, como coordenadora e como membro da equipa de investigadores em vários projetos de investigação e organizou eventos científicos nas áreas da saúde e doença, género, discriminação e violência de género.

N'Zinga Oliveira é licenciada em História – variante de Arqueologia, pela Universidade Nova de Lisboa; mestre em História Insular e Atlântica pela Universidade dos Açores; doutoranda do curso de doutoramento: Ilhas Atlânticas com especialização em património cultural. Assistente convidada na Universidade dos Açores onde leciona a Unidade Curricular de Arqueologia entre 2017 e 2022. Arqueóloga de profissão, é coordenadora do Museu Municipal de Vila Franca do Campo desde setembro de 2021. Investigadora integrada não doutorada do CHAM – Centro de Humanidades, FCSH/NOVA – UAc, onde colabora em projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, e efetua consultoria na área do património arqueológico. Membro da Direção da Associação Histórias Sábias – Património Cultural, Arqueológico e Artístico. Colabora e coordena projetos de investigação e salvaguarda de arqueologia subaquática e terrestre, em Portugal continental e no arquipélago dos Açores, com vários artigos publicados em revistas e livros da área. Membro colaboradora do Grupo de Ação Local do Projeto Margullar, do programa de iniciativa comunitária de cooperação transnacional INTERREG-MAC, coordenado, no arquipélago, pela Direção Regional da Cultura dos Açores (DRC) e pela Agência para o Desenvolvimento da Cultura nos Açores (ADCA).

### **Painel – Mulheres na Saúde e no Ensino / Women in Health and Education**

**Joana M. Couto** (CHAM Açores – NOVA/UAc) – Parteias na ilha de São Miguel no último quartel do século XIX.

**Resumo/Abstract:** A sociedade oitocentista europeia de fortes valores conservadores no que diz respeito aos papéis femininos, ao lugar da mulher na sociedade e à sua importância no seio familiar, núcleo por excelência da vida privada, conferiu destaque à maternidade e às questões associadas à mesma.

Neste sentido, o parto apresentava-se como um dos momentos mais importantes da vida familiar dessa centúria. Por isso mesmo, foi um dos temas associados à maternidade que ganhou alguma visibilidade na época. Compreendido como uma questão quase exclusivamente feminina até à primeira metade do século XVIII, não só as parteiras eram muitas vezes mulheres incultas e curiosas que, já tendo elas próprias experienciado o parto, assistiam outras mulheres, como também esta questão do parto não era muito explorada pela própria medicina.

Por influência dos ideais iluministas e impulsionadas pelas reformas liberais, surgiram as escolas médico-cirúrgicas em Portugal, as quais contemplaram a formação das parteiras, vista como uma necessidade para reduzir os perigos do trabalho de parto e para subordinar estas mulheres à autoridade e controlo dos médicos e cirurgiões, responsáveis pelos partos mais complicados. Assim, ao longo do século XIX, assistiu-se à gradual profissionalização das parteiras e ao seu crescente prestígio social de que é exemplo a contratação das mesmas pelas câmaras municipais. E é precisamente isto que procuramos estudar tendo por base a sociedade micalense dos últimos vinte e cinco anos de oitocentos.

**Palavras-chave:** Parteias, Mulheres, Trabalho Feminino, Século XIX, Ilha de São Miguel

**Nota biográfica/Biographical Note:** Joana Medeiros Couto é licenciada em História pela Universidade dos Açores (2017). Pós-graduada em História do Império Português pela Universidade Nova de Lisboa (2019). De momento, mestranda em História Insular e Atlântica (séculos XV-XX) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores e a realizar a pós-graduação em Arquivística Histórica Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi estagiária na Divisão de Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (2018/2019), onde trabalhou até outubro de 2021. Desde outubro de 2021, leciona as disciplinas de História e História, Geografia e Cultura dos Açores ao nível do 3.º ciclo e Secundário no Colégio do Castanheiro. Colaboradora externa do CHAM-Açores.

**Piedade Lalanda** (ESS - UAc) – Mulheres, Parteias e Anjinhos.

**Resumo/Abstract:** A mortalidade infantil na Região Autónoma dos Açores está fortemente associada à implementação do Plano materno-infantil, no final da década de 50. Antes dessa intervenção, a morte das crianças com menos de um ano era frequente e, de algum modo, sublimada. A partir do final dos anos 50, a realidade demográfica na região alterou-se, alterando a própria vivência da maternidade. A presença e o papel das enfermeiras vindas do continente, levou à criação da Escola de Enfermagem em Ponta Delgada (1957) e, simultaneamente, introduziu profissionais de enfermagem nas unidades de saúde; aumentou o número de partos assistidos por enfermeiras-parteias e reduziu-se substancialmente o parto protagonizado por “curiosas”.

A presente comunicação irá basear-se na leitura dos dados demográficos sobre a mortalidade infantil até 1960, período em que ainda se designava de “anjinhos”, as crianças que não sobreviviam nos primeiros anos de vida. Um estatuto conferido apenas aos nascituros batizados (Almeida, F. P., 2015). Era crença popular que as crianças não batizadas não eram cristãs, logo, não podiam ser inumadas nos cemitérios e as suas almas ficariam privadas do céu; seriam errantes num lugar bastante indeterminado, denominado “limbo”, “uma criança que parece datar do séc. XIV ou XV e de fundamentos teológicos discutíveis” (Lebrun, F.1983:115).

Neste quadro, de elevada natalidade e mortalidade infantil, bem como de elevada mortalidade materna, a vivência das mulheres é secundarizada. Afastadas dos funerais, a sua dor era sublimada com o facto de, perdendo um filho, ganharem um anjinho; “outros virão”, porque esse é o destino da mulher que, nesse tempo não tinha acesso à contraceção eficaz, condenada pela lei em vigor (Decreto-Lei, nº32171 de 1942), que “considerava os métodos contraceptivos produtos abortivos” e, como tal de venda interdita. (Almeida, A. & alt. 2004). Paralelamente, nestes tempos de elevada mortalidade infantil, a tradição católica apelava a que a morte de uma criança batizada com menos de sete anos, fosse encarada com alegria, como refere Almeida, F. P (2015) a propósito do ritual fúnebre dos anjinhos, estando-lhes mesmo reservada uma área específica nos cemitérios. A história da mortalidade infantil é também a das mães de anjinhos.

**Palavras-chave:** Mortalidade infantil, Maternidade, Anjinho, Mulher, Parteira

**Nota biográfica/Biographical Note:** Piedade Lalande é doutorada em Ciências Sociais/Sociologia - Universidade de Lisboa/Instituto de Ciências Sociais; licenciada em Etnologia/Antropologia Cultural - Université Paul Valéry - Montpellier – França. Professora-coordenadora da Escola Superior de Saúde/UAC desde 1984, onde é Presidente da Assembleia de Escola (2021/23), é docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Ocupou cargos de eleição política entre 2001 e 2014. Membro do CICS-Nova-UAC. Investigadora Responsável (IR) nos estudos: “O sistema de saúde na Região Autónoma dos Açores” (2020) e “(Ser)imigrante (e)mulher na Região Autónoma dos Açores” (2020-21). Entre outros trabalhos publicados, é autora do livro (2015). Encruzilhadas na Construção da identidade das mulheres, Lisboa: Ed. ICS.

**Clarisse Ismério (Urcamp)** – Professoras: o ofício da docência como impulsionador do protagonismo feminino no Rio Grande do Sul Republicano. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Durante o período republicado no Rio Grande do Sul (Brasil), 1889-1930, a mulher foi tratada como coadjuvante na narrativa histórica e social devido à tradição Católica a grande influência da doutrina Positivista, de Auguste Comte. E a educação feminina estava estritamente ligada às concepções da sociedade patriarcal, que submeteu as mulheres aos papéis de rainha do lar e anjo tutelar, tornando-as coadjuvantes da trama histórica, porque deveriam se resguardar no espaço privado, cuidar do lar e da educação dos filhos. Contudo para os positivistas, a mulher era considerada “a grande mestra da vida”, uma educadora por natureza, sendo assim poderia exercer a profissão de professora, trabalhando em escolas, casas particulares ou em suas próprias casas. Algumas mulheres desistiram de ser rainha do lar e de constituir família para se dedicar unicamente ao magistério. A mulher que optasse por ficar solteira era, muitas vezes, estereotipada pela sociedade, porque estaria deixando de cumprir sua função de progenitora, perdendo sua pureza espiritual, ficando desprotegida e exposta aos males da vida. Se ficasse solteira estaria fora dos padrões pré-estabelecidos, mas se decidisse dedicar-se unicamente ao magistério, ensinando as crianças como se fossem seus próprios filhos, eram extremamente valorizadas. O exercício do magistério deu destaque às mulheres, pois era o único campo em que poderiam trabalhar e exercer sua intelectualidade. E, ao exercer ofício de professoras, muitas mulheres conseguiram conquistar seu espaço na sociedade, difundir seus ideais e questionar os valores da sociedade machista e conservadora que viviam. E como exemplo citamos as professoras Luciana de Abreu, Aurora do Amaral Lisboa, Revocata Heloísa de Mello, Julieta de Mello Monteiro e Andradina de Oliveira, que se reinventaram através do magistério e tornaram-se protagonistas dos seus destinos.

**Palavras-chave:** Mulher, Ofício, Professoras, Protagonismo, Feminino

**Nota biográfica/Biographical Note:** Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) na PUCRS em 1992. Em 1995, concluiu o Mestrado e o Doutorado em 1999, no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Em 1995, publicou pela Edipucrs o livro Mulher: a Moral e o Imaginário 1889-1930 que foi reeditado pela Ediurcamp em 2018. Atualmente é professora e pesquisadora na URCAMP, onde também coordena o Curso de História. Autora também dos livros de educação patrimonial, Sarau Noturno (Chiado, 2016 e EDIURCAMP, 2021), e Pequenos Detalhes de Bagé (Ediurcamp, 2019). Organizadora das coletâneas Educação em suas múltiplas faces e sensibilidades (Texto e Contexto, 2020), Patrimônio Cultural: Simbolismos, intertextualidades e polifonias (Vecher, 2021); Nem tudo são rosas: Refletindo os preconceitos, as lutas e conquistas femininas (Vecher, 2021); e História de Bagé: novos olhares (2022). Em 2020, desenvolveu o projeto de pós-doutorado, no Programa de Pós-graduação em Educação, Escola de Humanidades da PUCRS. Criadora e coordenadora do Projeto Cultural Sarau Noturno.

**Susana Serpa Silva (CHAM Açores – NOVA/UAc)** – Mulheres na Medicina: o exemplo da micalense Joana de Freitas Pereira (1880-1966).

**Resumo/Abstract:** Ao longo do século XIX e ainda durante décadas do século XX a imagem feminina estava associada ao mundo doméstico e da vida privada. Poucas eram as mulheres que optavam por uma carreira profissional, penetrando, assim, na esfera masculina da sociedade. Ainda assim, registaram várias exceções, de relevo, em áreas com a educação e a saúde. Neste segundo caso, coube à norte-americana Elizabeth Blackwell (1821-1910), lutar contra tudo e contra todos, até conseguir ser admitida no curso de Medicina, do Geneva Medical College, em 1847. A sua tese de licenciatura foi sobre a febre tifoide e, ainda hoje, é considerada a primeira médica dos EUA e do mundo. Em Portugal, só em finais da centúria e particularmente durante a Primeira República vieram a distinguir-se três nomes femininos na prática da medicina: Domitila de Carvalho (1871-1966), Adelaide Cabete (1867-1935) e Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911). Todas elas representaram a exceção e não a regra. Nos Açores, região periférica e insular, em que se podia pressupor uma clivagem relativamente ao todo nacional, também se notabilizaram algumas mulheres na área da medicina, como a pioneira terceirense Teodora Pimentel (1864?-1948) e a micalense Joana de Freitas Pereira (1880-1966), a quem dedicamos esta comunicação. Através de registos paroquiais, de notícias da imprensa e de documentos de coleção particular, procuramos reconstituir, tanto quanto possível, o percurso desta médica exemplar, condecorada com a Comenda da Ordem da Benemerência e que comprovou que, mesmo em períodos mais recuados e de marcante desigualdade de oportunidades, uma mulher podia singrar numa carreira profissional monopolizada por homens.

**Palavras-chave:** carreiras femininas, medicina, biografia, S. Miguel – Açores, séculos XIX-XX

**Nota biográfica/Biographical Note:** Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. Doutorada em História Contemporânea, pela mesma instituição de ensino superior, é a IR do Projeto de Investigação “Trabalho (no) Feminino (1850-1926) – Histórias dos Açores” (Programa PRO-SCIENTIA - Governo Regional dos Açores - M1.1.C/C.S./022/2019/01) e conta com várias publicações no âmbito da História Social e de Género. É investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, sendo, atualmente, diretora do núcleo da UAC, CHAM Açores.

**Geneviève de Viveiros (Western University-Canada)** – Women in academia during the Belle Époque: Hilda Baynes (1884-1959). | [online](#)

**Resumo/Abstract:** The role of women in academia has so far received little attention in research initiatives. It is precisely this aspect of the history of women’s work that will be the focus of our paper. We intend to study the place and role of

women in academia and higher education during the Belle Époque era. Our paper will analyze the life, career, and cultural contributions of Hilda Baynes.

Born in Montreal in 1884, Hilda Baynes was the first woman to teach at Western University (Canada) in 1914. She was one of the few graduates in 1899 of the Victoria College for Women affiliated to McGill University. After McGill, Baynes pursued her studies at the Sorbonne University in Paris in 1908, being part of one of the first female student cohorts. Hilda Baynes dedicated her career to teaching French in Canada and the United States.

Through her work in women colleges, Hilda Baynes and her collaborators, such as Mary C. Wheeler, contributed to review the curriculum and build a vibrant cultural transatlantic network.

This paper aims to reclaim Baynes' contribution to the history of French and Canadian

Universities and celebrate the role of women in academia in the beginning of the 20<sup>th</sup> century. Set against the political turmoil of WW1, this fascinating era constituted a crucial time in the history of the suffragette's movement and women's access to graduate education.

**Palavras-chave:** women, academia, French, Canada, cultural networks, WWI

**Nota biográfica/Biographical Note:** Geneviève de Viveiros is associate professor of French Studies at Western University (Canada). Her research interest includes the works of Émile Zola, women writers of the Belle époque, epistolary genres and theater history.

She has published articles in *Les Cahiers naturalistes* and co-edited two volumes on epistolary writings: *Risques et regrets. Les dangers de l'écriture épistolaire* (with Karin Schwerdtner and Margot Irvine, Nota Bene, 2015) and *Au courant de la plume. Zola et l'épistolaire* (with Soundouss El-Kettani, PUQ, 2018). She is currently finishing a book on the reception of Zola in Canada and working on a research project on women in academia".

**Susana Santos** (ISCTE, CIES-Iscte) – Mulheres no ensino do Direito – das pioneiras à academia neoliberal. Histórias de ativismo e sororidade.

**Resumo/Abstract:** Os cursos de Direito têm hoje uma forte presença de alunas. E as professoras? Que entraves encontraram na sua entrada? Que papéis desempenharam? Como se estabeleceram na carreira académica? Que desafios encontram hoje?

Através da análise de dois estudos de caso – Inglaterra e Alemanha – dois países com tradições jurídicas distintas – pretende-se explorar as relações entre teorias, agentes e práticas feministas e o Direito centrando a discussão nos papéis desempenhados pelas professoras de Direito em três tempos sociais: as primeiras professoras, a consolidação das mulheres no ensino e os desafios da contemporaneidade.

Na primeira parte elabora-se de forma cronológica e sucinta os temas principais abordados pelos movimentos feministas dos dois países articulando-os com os contextos sociais e políticos.

No segundo ponto analisa-se o papel das pioneiras nos estudos do Direito – professoras e juristas – na entrada e desenvolvimento do trabalho feminino na universidade. Essas atividades são encetadas, tanto em Inglaterra como na Alemanha, em articulação com a participação nos movimentos feministas. As pioneiras abriram brechas e procuraram espaços não ocupados e/ou reivindicaram lugares mais centrais na academia e no espaço público. A esses momentos inaugurais segue-se um lento caminho que as gerações seguintes vão traçando de entrar e manter aberta a universidade às mulheres e às teorias feministas do Direito beneficiando da conjuntura desenvolvimentista do pós-guerra que aumentou o número de estudantes, instituições e lugares na carreira.

Na terceira parte sistematiza-se a informação através da elaboração de uma grelha analítica que organiza em cinco pontos as regularidades encontradas nos dois estudos de caso.

Na quarta parte explora-se as consequências da adoção de políticas neoliberais no governo das universidades e os impactos no ensino, com a redução da oferta educativa relegando as teorias feministas do Direito para um plano secundário e/ou optativo, a precarização das atividades de ensino e de investigação e a forte competição entre colegas.

No quinto e último ponto à guisa de conclusão apresenta-se uma proposta de investigação para o estudo diacrónico das professoras de Direito em Portugal, uma realidade pouco estudada e que urge conhecer.

**Palavras-chave:** teoria feminista do Direito, professoras de Direito, estudos de caso, trabalho no feminino

**Nota biográfica/Biographical Note:** Susana Santos, investigadora integrada no CIES.Iscte, professora auxiliar convidada da Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Iscte. Doutorada em Sociologia pelo Iscte (2012). Curso Livre em Sociologia do Direito e da Economia, IISL Instituto Internacional de Sociologia Jurídica, Universidade do País Basco (UPV), em 2019. Tem como áreas de investigação: sociologia do direito, profissões jurídicas, género e feminismos no Direito. Dirige uma investigação dedicada ao estudo da formação de elites transnacionais, focando-se na formação académica e profissional de jovens advogados.

Publicações recentes: Santos, S. (2022). Pro Bono in Portugal. In / Scott L. Cummings, UCLA; Fabio de Sa e Silva, University of Oklahoma; Louise G. Trubek, University of Wisconsin, Madison. (Ed.), *Global Pro Bono: Causes, Organization, Consequences*. (pp. 413-445). Cambridge: Cambridge University Press. Santos, S. (2020). *Academias de talento feminino: meios de emancipação ou ferramentas de reprodução social?*. *Ex aequo*, 42, 87-102. Santos, S. (2020). *Gendered workplaces: Resistance, adaptation and agency in large legal firms: The perspectives of young lawyers*. *Portuguese Journal of Social Science*, 19 (2-3), 259-276.

**Clézio dos Santos** (UFRRJ – Brasil) – Os processos formativos em Geografia no Brasil e a contribuição da Professora e Geógrafa Amélia Americana Domingues de Castro. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Na pesquisa concluída pela geógrafa Márcia Cristina de Oliveira Mello em 2018, a autora ressalta as primeiras impressões sobre o papel fundamental que o curso de geografia da Universidade de São Paulo (USP) desempenhou para promover o que hoje entendemos sobre a prática do ensino de Geografia, especialmente por meio da organização interna da Didática da Geografia, enquanto um conjunto de ideias, processos, formas e conteúdos fundamentados nos pressupostos psicológicos da aprendizagem (a inovação educacional que redescobriu a criança), validados cientificamente pela Pedagogia científica, incluindo a Psicologia da Educação. Ambas as pesquisas, a de Mello (2018) e a nossa, ressalta o papel de destaque do grupo de professores formados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP, entre as décadas de 1930 e 1960, surgindo uma geração de docentes expoentes, na área de geografia e especialmente na didática da geografia que tem influenciado a área no Brasil. Destacamos neste contexto formativo a figura da professora Amélia Americana Domingues de Castro (1920-2020). A professora Amélia Americana Domingues de Castro,

nasceu em 27 de dezembro de 1922, no Rio de Janeiro. Realizou seus estudos de educação básica no Rio de Janeiro e posteriormente mudou-se para São Paulo onde ingressou no curso de Geografia e História da FFCL da USP. Quando foi professora da cadeira de Didática Geral e Especial, da mesma universidade, apresentou, em 14 de outubro de 1950, a tese de doutorado onde estudou aspectos dos processos didáticos, princípios dos métodos envolvendo seus aspectos psicopedagógicos e suas relações com o ensino secundário. Amélia Americano Domingues de Castro teve um diálogo importante com as ideias de Jean Piaget com base no escolanovismo e no construtivismo que vai influenciar muito o ensino de geografia no Brasil emanada a partir da Cadeira de Didática Geral e Especial, sendo responsável pela Didática Especial da Geografia na USP. Ao se especializar em métodos e práticas de ensino preocupou-se com os fundamentos técnico-pedagógicos e psicológicos dos métodos de ensino. Na época o campo se preocupava em relacionar a tríade conteúdos, objetivos de ensino e educando, assim como a sua aplicabilidade na escola secundária.

**Palavras-chave:** ensino de geografia, cientista, processo formativo, Brasil, formação de professor

**Nota biográfica/Biographical Note:** Professor Associado do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGE/UFRRJ). Geógrafo e mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Geociências e doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutor em Geografia pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (JCNE/FAPERJ). Líder e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/CNPq). Vice coordenador do Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (LAMEPE/UFRRJ).

22 de junho de 2022 | june 22nd 2022

## Painel – Percursos Femininos Singulares / Unique female journeys

**Juliana Fontes de Lima e Luan Ferreira da Silva Paz** (UEPB – Brasil) – Josefa de Óbidos e sua contribuição para a arte barroca do século XVII. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** O presente estudo científico versará acerca das contribuições dadas pela pintora Josefa de Óbidos a arte barroca ainda no século XVII, tendo em vista as novas percepções trazidas pela mesma para a arte naquele momento e que estas permeiam o meio artístico até os dias atuais, onde está se tornando um dos grandes nomes da arte a aquela época a qual estava inserida, ainda que tratará de demonstrar algumas de suas obras e quais foram as mudanças trazidas consigo, tendo em vista que a artista em cada obra deixaria expressa suas particularidades, assim como fica em evidência nas pinturas sacras de sua autoria. Ainda que, este estudo se dedicará também em demonstrar o período e/ou contexto a qual a artista estava inserida, da mesma forma que as estratégias adotadas por ela no seu processo de criação, processo este que resulta em obras extremamente bem elaboradas e cheias de simbolismos. cuja metodologia para a elaboração do referido estudo parte da consulta a autores que discorrem acerca da temática, tais como Barbosa (2006), Baeta (2011) e Polizelli (2017). E ao final, conclui-se que o nome de Josefa de Óbidos se consolida como um dos maiores no tocante a arte barroca do século XVII, tendo em vista as técnicas adotadas por esta em suas criações artísticas, transmitindo riqueza de detalhes em suas representações e igualmente moldando novas perspectivas para a arte naquele momento.

**Palavras-chave:** Barroco, Arte, Simbolismo

### Notas biográficas/Biographical Notes:

Juliana Fontes de Lima é graduanda em história pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Onde na mesma instituição de ensino se debruça sobre atividades envolvendo ensino, pesquisa e extensão. cujo interesse de pesquisa contempla áreas como pesquisas sobre História Cultural, Didática e Ensino de História e História das Religiões.

Luan Ferreira da Silva Paz é graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, onde na mesma instituição de ensino se dedica a atividades envolvendo ensino, pesquisa e extensão, cuja trajetória acadêmica se solidifica dada a construção e publicação de diversos artigos acerca dos temas de interesse, igualmente possui pesquisas sobre Didática e Ensino de História, principalmente no tocante a temas como novas metodologias atreladas ao ensino de história e história indígena, História do Brasil, contemplando o período colonial, imperial e republicano, e História Local/Regional, este último item contempla a temática sobre a história da Paraíba como um todo.

**João Esteves** (Agrupamento de Escolas de São Bruno – Caxias) – Duas feministas açorianas: Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** A primeira vaga do feminismo associativo português, correspondendo à primeira década e meia do século XX, contém uma pujança merecedora de múltiplas abordagens, muito contribuindo mulheres dispersas pelo país e que continuam subalternizadas em relação àquelas consideradas as líderes. Entre essas, estão as açorianas Alice Moderno (1867-1946) e Maria Evelina de Sousa (1879-1946), a cujo percurso profissional, reconhecido e louvado pelos contemporâneos pelo papel interventivo na sociedade micaelense, se tem de acrescentar a militância feminista e republicana, antes e depois da implantação da República.

Tal como noutras partilhas das suas vidas, ambas militaram na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, na sufragista Associação de Propaganda Feminista e na efêmera Associação Feminina de Propaganda Democrática, de apoio à ação política de Afonso Costa, transportando-as para as ilhas e divulgando-as na imprensa. Constituíram o principal, senão o único, elo associativo com o continente, onde chegaram a ser homenageadas, relacionando-se, em fases diferentes, com Ana de Castro Osório, Maria Veleda e Adelaide Cabete, feministas e republicanas com posicionamentos distintos.

Nos dois casos, não se tratou de uma adesão episódica ou circunstancial, mas antes de uma opção consciente e duradoura quanto ao feminismo. No dealbar da visibilidade feminista, em 1906, o “Jornal da Mulher” de O Mundo enaltecia Alice Moderno como “uma das convictas e sinceras feministas da nossa terra” e, “apesar de estar longe de nós, [...] em todas as cruzadas de propaganda feminista que se empreendam no nosso meio, o estímulo da sr.<sup>a</sup> D. Alice Moderno vem sempre, generosamente, animar-nos nas campanhas, as mais difíceis”. Em 1909, a deslocação a Lisboa de Maria Evelina de Sousa

merecia destaque como professora e feminista e, em 1924, aquando do I Congresso Feminista e de Educação, organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, então dirigido pela médica Adelaide Cabete, as duas açorianas voltaram a granjear atenção enquanto propagandistas do feminismo, da instrução das mulheres e das reivindicações feministas no Arquipélago.

É o percurso, influência e legado intemporal de Alice Moderno e de Maria Evelina de Sousa que esta comunicação pretende visitar e contextualizar.

**Palavras-chave:** Alice Moderno, Maria Evelina de Sousa, feminismo, associativismo, republicanismo, sufrágio

**Nota biográfica:** Professor e historiador, tem estudado e divulgado o associativismo pacifista, feminista, maçónico, republicano e antifascista das mulheres portuguesas na primeira metade do século XX, procurando fazer o levantamento prosopográfico das suas activistas. Autor de livros, artigos, biografias, entradas de dicionários, comunicações e conferências, tem previsto a organização de um Guia Cronológico, Documental e de Fontes do Movimento Feminista em Portugal (1896-1952). Dirigiu, com Zília Osório de Castro, o Dicionário no Feminino - Séculos XIX-XX (2005) e *Feminae - Dicionário Contemporâneo* (2013) Colabora em vários projectos de investigação, nacionais e internacionais.

**Ana Barradas** (Investigadora Independente) – Alice e Evelina, um grande amor. | **online**

**Resumo/Abstract:** Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa foram duas figuras públicas açorianas que se distinguiram como educadoras, publicistas, republicanas, feministas, além de activas defensoras dos desvalidos, protectoras dos animais, propagandistas da preservação da natureza e praticantes de beneficência social.

Alice Moderno foi jornalista, escritora, fundadora de uma tipografia e directora do jornal A Folha, além de produtora e exportadora de ananases. Depois de bem firmados os seus muitos méritos cívicos, já mais velha, nos anos 1940, passeava pela cidade, assumindo a sua excentricidade: vestia camisa branca, gravata preta, chapéu masculino, apoiava-se numa bengala e fumava charuto.

Maria Evelina, escritora, directora e professora da uma escola feminina em Ponta Delgada, criou aí uma biblioteca e um museu. Fundou e dirigiu a Revista Pedagógica, órgão do professorado oficial açoriano. Dentro da ideia da laicidade do estado, defendeu a extinção da "doutrina cristã" nos programas escolares e a redução dos feriados religiosos. Lutou pela valorização da imagem dos professores e pela dignificação da carreira docente. Entusiasta das teorias da Escola Moderna, preocupou-se com a instrução popular e foi assim que introduziu em São Miguel os cursos pelo método João de Deus. Fazia parte, tal como Alice Moderno, da Liga Republicana de Mulheres Portuguesas.

Morando em Ponta Delgada, numa sociedade conservadora e fechada, puseram amiúde a elite local em sobressalto com o seu estilo de vida de mulheres libertadas, as suas atitudes progressistas e os seus escritos propagandísticos. Dedicaram-se a causas como jornalismo, feminismo, educação, protecção aos desvalidos e aos animais.

Ligaram-se cedo numa profunda união, vivendo na mesma casa, numa discreta relação homossexual, que só não foi verbalizada por causa da pressão social e religiosa que pesava sobre tal estilo de vida.

Quem se ocupou de investigá-las deu-se ao cuidado de esconder ou omitir essa opção sexual – que hoje é explicitada por algumas autoras mais modernas – amputando assim, com a ligeireza própria do preconceito, 40 anos de vida em comum aos quais só a morte pôs fim. Morta Evelina, Alice faleceu oito dias depois. Um grande amor que não resistiu à dor da perda da pessoa querida?

**Palavras-chave:** Feminismo, Jornalismo, Educação, Sexualidade, Ecologia, Beneficência

**Nota biográfica/Biographical Note:** Consultora internacional na área da governação democrática e activista política. Autora de várias obras, entre as quais *Ministros da Noite*, *Dicionário de Mulheres Rebeldes*, *O Império a Preto e Branco*, *As Clandestinas* e *Comores, Ilhas da Lua*. Foi co-directora das edições Dinossauro, fundadora e directora da editora feminista Ela por Ela. Colaboradora de variadas publicações periódicas, entre elas a revista "Política Operária". Traduziu mais de 90 títulos, nomeadamente de Jack London, Samir Amin, George Orwell, Wole Soyinka e Noam Chomsky. Interessada em investigar temas como feminismo e estudos de género, anti-racismo, anti-colonialismo, marxismo e relações internacionais.

**Isabel Drumond Braga** (CIDEHUS-Univ. Évora e CH-ULisboa) – Bertha Rosa-Limpo (1894-1981): música, culinária e cosmética em Portugal.

**Resumo/Abstract:** Berta Rosa Limpo (Quelimane 1894 – Lisboa 1981), autora do mais célebre livro de cozinha do século XX, em Portugal, começou por ser conhecida do público como cantora lírica, compositora e professora de canto. A sua carreira artística decorreu entre 1917 e 1943. Paralelamente à atividade musical, marcada sobretudo por recitais, nunca deixou de se interessar pela culinária, gosto familiar que transportava desde a infância. Essa paixão deu origem à publicação de *Livro de Pantagruel* (1945) e à manutenção durante décadas da coluna de cozinha intitulada "Correio de Pantagruel", na revista feminina *Modas & Bordados*. O sucesso do receituário culinário animou-a a dedicar-se a uma nova atividade, a produção de cosméticos, publicitando-os na mesma revista através de uma coluna dedicada aos cuidados de beleza. Esta nova atividade teve o seu início com o lançando, em 1945, dos produtos de beleza Thaber (anagrama de Bertha), cuja fórmula lhe pertencia. A partir do espólio que deixou, das colunas de culinária e de cosmética na revista *Modas & Bordados*, pretende-se dar a conhecer a atividade desta mulher empreendedora.

**Palavras-chave:** Bertha Rosa-Limpo, Cosmética, Culinária, Música, Empreendedorismo

**Nota biográfica/Biographical Note:** Isabel Drumond Braga é Professora associada com agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na área de História, para onde entrou por concurso público em 1990. Foi professora visitante na Universidade Federal Fluminense (Brasil), na Università di Catania (Itália), na Universidade Federal da Uberlândia (Brasil), e na Universidade Estadual de Londrina (Brasil). Professora do programa Erasmus Plus, na Università degli Studi della Tuscia (Viterbo-Itália), de 2007 a 2015 e da Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT- FIT), desde 2016. Tem desenvolvido investigação e lecionado nas áreas de História Social, História de Género, História Cultural e História das Práticas do Quotidiano, em especial História da Alimentação, das Épocas Moderna e Contemporânea. Membro de diversos projetos de investigação em Portugal, Espanha, Itália e Brasil e orientadora de projetos de pós-doutoramento, doutoramento e mestrado, nas áreas História da Inquisição, da História das Práticas Culturais, História de Género e da História da Alimentação.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7035-6497>. Publicações disponíveis em linha: <https://ulisboa.academia.edu/IsabelDrumondBraga/>

**Andreia Santos Silva** (Bolseira de Doutoramento do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo. FCT/DGPC/Univ. Évora) – Regina Santos de Jesus (1904-1969): Mulher artista, militante, professora, condecorada com a ordem do esquecimento. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Regina Santos de Jesus, natural de Lisboa, foi uma figura particularmente interessante do século XX. Ao longo dos seus 64 anos de vida, interrompida precocemente pela doença de Hodgkin, fez parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, formou-se em Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa e apresentou vários dos seus óleos e desenhos em mais de uma dezena de certames, dedicou-se a ensinar jovens na Escola Industrial e Comercial Josefa de Óbidos na capital portuguesa. A crítica do seu tempo acompanhou com entusiasmo o seu percurso - sobretudo enquanto pintora - mas ínfimas ou mesmo nenhuma são as palavras que conseguimos encontrar nos ensaios recentes sobre si. Que este estudo, como, o importante e pertinente trabalho (em) conjunto, consiga arredar a mulher, outrora premiada e condecorada, do esquecimento.

**Palavras-chave:** Regina Santos, mulheres artistas, arte portuguesa do século XX, feminismo em Portugal

**Nota biográfica/Biographical Note:** Andreia Filipa Santos Silva nasceu em Lisboa, a 11 de Agosto de 1987. É licenciada em História Moderna e Contemporânea, pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, e mestre em História da Arte, especialização em Arte Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação *Ofélia Marques (1902-1952): mulher artista no modernismo português. A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques*. Nos últimos anos tem-se dedicado em particular ao estudo de percursos e obras de mulheres artistas portuguesas do século XX. É desde Maio de 2022, Bolseira de Doutoramento do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo (FCT/DGPC/Universidade de Évora).

**Víctor J. Ortega Muñoz e María Dolores Ramos Palomo** (Universidad de Málaga) - “Dos periodistas que abrieron caminos en la prensa española en el siglo XX: Magda Donato (1898-1966) y Margarita Landi (1918-2004)”. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** La escritura periodística, fundamental para formar a la opinión pública en el siglo XX, dio cabida a un número cada vez mayor de redactoras que, alejadas de las revistas femeninas tipo magazine dedicadas al hogar, la belleza, la salud, la familia y la economía doméstica, se encuadraron en un periodismo informativo, político y social, con periodicidad diaria o semanal. Este hecho confirmó a sus autoras reconocimiento y autoridad, y las empoderó ante el público lector y la sociedad. Entre estas articulistas destaca Magda Donato (1898-1966), mujer moderna, comprometida políticamente con la Segunda República y exiliada en México al acabar la Guerra Civil, que fue la creadora y principal representante en los años veinte y treinta del llamado periodismo de investigación, del que dan cuenta sus “reportajes vividos” publicados en el diario gráfico Ahora, que motivaron su ingreso en la cárcel como “delincuente” o su estancia en un albergue de mendigas disfrazada de “indigente” para relatar las experiencias de las mujeres dentro de estas instituciones. Nacida en una etapa histórica posterior, Margarita Landi (1918-2004) está considerada un referente del periodismo de sucesos durante la Dictadura franquista y la Transición democrática. Fue una reportera carismática que narró las duras condiciones de vida y la violencia cotidiana -incluidos numerosos episodios de violencia de género- en el periódico El Caso y en la revista Entreviú. En la comunicación rescatamos y comparamos la trayectoria personal y profesional de estas dos pioneras, ejemplos de transgresión de las convenciones impuestas por la tradición patriarcal, que abrieron nuevos senderos en el ámbito de la prensa española.

**Palavras-chave:** Mujeres periodistas, Historia de la prensa, Historia de las Mujeres, Empoderamiento, Magda Donato, Margarita Landi

#### **Notas biográficas/Biographical Notes:**

Víctor J. Ortega Muñoz es doctor en Historia Contemporánea por la Universidad de Málaga y miembro del Grupo de Investigaciones Históricas Andaluzas de dicha universidad, donde es además, Colaborador Honorario. Es también Experto Universitario en Enseñanza y Comunicación de la Historia Actual por la Universidad de Cádiz. Asimismo es autor del libro ¡Extra, extra! Poder, información y control de la sociedad española en las noticias de sucesos, Pórtico, 2018. Además, ha participado como coordinador de los siguientes libros: Mujeres iberoamericanas y derechos humanos: Experiencias feministas, acción política y exilios, Editorial Athenaica, 2016; y Biografías, identidades y representaciones femeninas. Una cita con la historia, Pórtico, 2019. Ha participado en numerosos congresos de carácter nacional e internacional, siendo autor de numerosos capítulos de libros y artículos de revistas científicas.

María Dolores Ramos Palomo es Doctora en Historia y Catedrática de Historia Contemporánea por la Universidad de Málaga, experta en Historia Social, Historia de las Mujeres e Historia de Género. Cofundadora de la Asociación Española de Investigación Histórica de las Mujeres y de Arenal. Revista de Historia de las Mujeres (Universidad de Granada), es Investigadora Principal del Grupo Investigaciones Históricas Andaluzas (HUM-331). Sus líneas de trabajo giran actualmente en torno a la relación entre ciudadanía, feminismos y culturas políticas, la historiografía de género, las biografías de mujeres en el marco de la nueva Historia Política y la memoria del exilio republicano femenino de 1939. Autora de más de 200 publicaciones, ha obtenido, entre otros galardones, el Premio Meridiana de Igualdad (Junta de Andalucía, 2016).

**Luan Ferreira da Silva Paz e Mylena Santos de Magalhães** (UEPB – Brasil) – Uma Mulher das Letras: Anayde Beiriz e sua Literatura e Feminismo Diante da Revolução de 1930. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** O presente trabalho científico privilegia uma análise acerca das obras literárias e também a biografia da professora e escritora Anayde Beiriz, dada sua contribuição para com a educação paraibana, onde a mesma veio a se destacar no que tange o movimento feminista e as emancipações trazidas consigo. O mesmo estudo discorre sobre os acontecimentos que ocorreram durante a segunda metade do século XX no estado da Paraíba, cujo objetivo principal é trazer à tona as contribuições que a mesma deixou para a emancipação e consolidação da autonomia feminina nas vertentes relacionadas aos costumes e valores. O cenário ao qual Anayde Beiriz esteve inserida fazia parte de um dos contextos da história do Brasil de maior efervescência política denominada como a Revolução de 1930. Foi um contexto político do século XX no Brasil marcado pela predominância da elite patriarcal e das oligarquias, também conhecido como o período da República velha que se caracterizou também através das relações clientelistas de troca de favores e o coronelismo que esteve muito em vigor na política de algumas regiões do país, exclusivamente da Paraíba, além de um clima de insatisfação administrativa e política, é nesse ínterim que temos como importantes estopins para as revoltas sociais a questão do caráter da gestão pessoista, como a implementação do controle tributário através da concentração de comércio capital, e a substituição de chefias municipais, e pôr fim a morte trágica de João Pessoa pelo Dr. João Dantas por questões políticas. Com

isso, temos como importante recurso de análise a história da Paraíba e a representatividade de Anayde Beiriz como importante voz feminina em meio a uma sociedade impregnada de preceitos coloniais e patriarcais, a voz feminina e política que não ousou ser silenciada e que acaba se tornando uma das importantes intelectuais feministas de sua época.

**Palavras-chave:** Literatura, Revolução, Feminismo, História, Brasil, Paraíba

#### **Notas biográficas/Biographical Notes:**

Luan Ferreira da Silva Paz é graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, onde na mesma instituição de ensino se dedica a atividades envolvendo ensino, pesquisa e extensão, cuja trajetória acadêmica se solidificou dada a construção e publicação de diversos artigos acerca dos temas de interesse, igualmente possui pesquisas sobre Didática e Ensino de História, principalmente no tocante a temas como novas metodologias atreladas ao ensino de história e história indígena, História do Brasil, contemplando o período colonial, imperial e republicano, e História Local/Regional, este último item contempla a temática sobre a história da Paraíba como um todo.

Mylena Santos de Magalhães é graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, se debruçando na mesma instituição a projetos de pesquisa, ensino e extensão, ainda que possua pesquisas sobre História das Mentalidades, Didática e Ensino de História e História das Mulheres.

**Riccardo Cocchi** (UAb) – António Custódio das Neves: Um pretexto para uma reflexão em torno de identidade e género sobre um caso sui generis. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** A partir da reconstrução da breve – embora muito acidentada – vida de Maria da Trindade (b. Quinta da Lapa, 9 fevereiro 1852; m. Porto, 20 março 1888), filha primogénita de Maria das Neves Custódio, pretende-se trazer à tona um percurso peculiar de emancipação feminina para gerar uma reflexão de teor mais geral sobre a condição social e laboral da mulher na sociedade portuguesa de finais de Oitocentos. Para esse efeito, não se poderá prescindir das referências fundamentais que foram recolhidas por Pinho Leal e Pedro Ferreira, graças às quais será possível não só acompanhar a biografia da própria Maria da Trindade, mas também enquadrar a sua experiência de vida dentro de um contexto que apresenta diversas complexidades uma vez que se considerar a ligação direta que une as referidas figuras femininas. Com efeito, é preciso sublinhar que essas duas mulheres deixaram ambas um rasto significativo na História de Portugal, posto que a primeira ficou conhecida como a «mulher-homem» após ter sido revelada a sua verdadeira identidade que tinha ficado por muitos anos encoberta sob o falso semblante de António Custódio das Neves e que a segunda se celebrou enquanto líder do famigerado «Cisma» que interessou a pequena aldeia da Granja do Tedo. Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho será antes apresentar e contextualizar um caso específico, ilustrando os dados que se dispõem acerca de Maria da Trindade/António Custódio das Neves através das fontes identificadas, do que oferecer uma leitura interpretativa das motivações que justificaram a adoção duma outra identidade junto com as consequências a essa resolução correlatas.

**Palavras-chave:** mulher, trabalho, século XIX, Granja do Tedo, Portugal

**Nota biográfica/Biographical Notes:** Mestrando em Estudos Portugueses Multidisciplinares na Universidade Aberta (UAb). Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português e Espanhol) na Universidade de Turim (Itália). Sócio da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). No seguimento das minhas vivências no território da Covilhã, criei o projeto artístico-cultural denominado «Freguesias da Covilhã» (2019-2020), uma coletânea de folhetos de cordel sobre cada freguesia desse concelho. Como pesquisador independente, tenho olhado constantemente para o fenómeno do Fado, tendo dedicado especial atenção à figura da «Severa». Para além disso, ao ter realizado o curso de Pós-Graduação «Memórias do fim do império e sobrevivências subalternas do Atlântico Sul», ministrado pelo Instituto Camões, reforcei a minha vontade de aprofundar diversas questões, nomeadamente a relação de Portugal com a escravidão, o conceito de «portugalidade» e as problemáticas levantadas nos estudos de Eduardo Lourenço.

## **Painel - Mulheres nas Letras e nas Artes / Women in Litterature and Arts**

**Cátia Costa Rodrigues** (University of London) – Modelling as Work? The Employment of Women as Artists' Models, 1850-1870. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** 'How, if the Working-Man be the Working-Man, does he find time to sit to all these artists?', asks a contributor of the Punch magazine in 1865. The idea of modelling as a casual occupation seemed conflicting with the definition of work, as suggested by the use of terms such as 'find time' to describe it. If we turn to women working as artists' models in this period, the situation grows grimmer; the frequent association between prostitution and modelling were detrimental to female models' moral reputations, with sacrificing one's body in exchange for money being the main link between the two occupations. However, the scholar Frances Borzello has pointed out that the late nineteenth century was the 'golden age of the artist's model' (The Artist's Model, 1982). From 1870, modelling became more recognised as a professional and artistic service, and began to claim its space in the public sphere. Advertisements and costume shops began to appear in the streets, marking a considerable shift in the public awareness of modelling as an existing professional practice.

By focusing on the employment of women as artists' models in the years preceding this 'golden era', this paper explores the contexts and conditions of female modelling as a professional practice in London in 1850-1870. I consider two active employers of models of this period – the institutional Royal Academy, and the group of artists forming the Pre-Raphaelite Movement – to understand their approaches towards women models, and the extent to which these organisations had any impact on the increasing demand for/supply of modelling services. Considering the gender-specific implications of modelling as work for women, this paper also addresses female models' contributions to the artists' creative process beyond the use of the models' looks. In doing so, this paper reveals consequences of women as working models, how and if these were addressed by their employers, and how this relates to the cultural contexts in which they operated. Overall, this paper (re)introduces modelling as work, an often-forgotten occupation taken by women, thereby highlighting artistic, economic, and social conditions of women working in an urban context in nineteenth century Britain.

**Palavras-chave:** nineteenth-century gender, artist's model, artistic practices, women and work, women in arts, artistic networks

**Nota biográfica/Biographical Note:** Cátia Costa Rodrigues is a PhD Candidate at Royal Holloway, University of London, funded by TECHNE/AHRC. Her research focuses on the diverse artistic networks formed by women who contributed to the initial stage of the Pre-Raphaelite movement not only as artists, but also as writers, patrons, models. She aims to explore the extent to which their participation reveals a collective artistic identity, and how their gendered contributions affected the aesthetic direction of Pre-Raphaelitism in its first decades. Cátia completed a BA in Languages, Literatures and Cultures at the University of Lisbon, and an MA in English Literature at the University of London. Cátia is currently Legacy Officer and Dissertation Prize Coordinator at the Association for Art History's Doctoral and Early Career Research Committee, and is also the Newsletter Editor for the Women's History Network.

**Cristina Moscatel** (CHAM Açores – NOVA/UAc) – A presença feminina nas exposições artísticas do século XIX na ilha de São Miguel.

**Resumo/Abstract:** As exposições artísticas que se realizaram na ilha de São Miguel ao longo do século XIX inserem-se, nos objetivos e moldes, na linha das restantes exposições de Letras, Artes e Ciências que ocorreram em Portugal na mesma época. Da mesma forma, no seu objetivo último de representar o estado civilizacional de uma zona ou país através da mostra das suas indústrias e artistas, estas exposições micaelenses também refletem, à sua escala, os objetivos das grandes exposições universais oitocentistas europeias e norte-americanas.

No âmbito dessa representatividade, a Mulher assumiu um lugar e um papel específico, com limites traçados pela sociedade coeva que lhe atribuía o direito da participação dentro dos cânones sociais existentes.

Esta comunicação pretende expor e analisar a participação feminina local nas exposições de Artes, Letras e Ciências de 1848, 1882 e 1895. A análise das suas áreas de intervenção, das suas biografias e percursos de vida e da forma como se fizeram representar nestas exposições, permitirá revelar os seus nomes (amiúde esquecidos no âmbito destas exposições) e determinar a sua representatividade no âmbito artístico e civilizacional micaelense.

**Palavras-chave:** Mulher, Arte, Exposições Industriais, Açores

**Nota biográfica/Biographical Note:** Ana Cristina Moscatel Pereira é licenciada em História e Mestre em História Insular e Atlântica pela Universidade dos Açores. É doutoranda em História Insular e Atlântica na mesma Universidade, tendo sido, no âmbito do curso de doutoramento, bolsista da FCT. É pós-graduada, pela mesma Universidade, em Ciências Documentais (Arquivo) e é investigadora do CHAM Açores. As suas áreas de interesse englobam a área da Arquivística e da História Económica, Social e Cultural (século XIX) onde se inserem os seus mais recentes interesses de investigação no âmbito da história da Mulher e na sua relação com a cultura artística oitocentista.

**Elisa Lessa** (CEHUM - UMinho) – Mulheres artistas em Braga nos finais do século XIX e princípios do século XX.

**Resumo/Abstract:** A presente comunicação elenca e analisa o papel de mulheres artistas que se destacaram como intérpretes no contexto urbano bracarense nos finais do século XIX e princípios do século XX. Actuando em contextos diversificados, designadamente hotéis, cafés-concertos e teatros públicos, estas cantoras e instrumentistas contribuíram com grande dinamismo para as práticas de sociabilidade em Braga, interagindo com colegas músicos e impondo-se pelo seu dinamismo e competência. O estudo detém-se ainda no ensino musical privado na cidade, em que o piano era o instrumento de eleição e o mais apropriado do género feminino no século XIX, tornando-se um dos atributos que uma mulher deveria ter para se destacar como uma boa escolha para o matrimónio.

**Palavras-chave:** História das mulheres, Práticas musicais de sociabilidade, O piano na educação feminina

**Nota biográfica/Biographical Note:** Elisa Lessa é investigadora do Centro de Estudos Humanísticos e Professora Associada da Universidade do Minho. Publicou Património Musical do Bom Jesus do Monte (2018); De Créditos firmados: as bandas de música em Braga nos séculos XIX e XX (2019). Coeditou Património e Devoção (2018); Ouvir e escrever Paisagens Sonoras (2020). Os seus trabalhos, publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, encetaram, entre outros temas, a senda temática dos estudos da Música Monacal Feminina Portuguesa e Práticas de sociabilidade nos séculos XIX e primeira metade do século XX em Portugal. Integra o projeto The Contribution of Confraternities and Guilds to the Urban Soundscape in the Iberian Peninsula, c.1400 - c.1700, coordenado pela Professora Tess Knighton e tem em curso um projeto sobre o Património Musical do Concelho de Braga.

**António R. Telles Costa** (HTC - NOVA FCSH / CFE-UC) – Pianistas, harpistas e violoncelistas nos sécs. XIX e XX: a aptidão musical feminina da família Luizello. Breves apontamentos biográficos. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** O papel da mulher na música e as suas relações com o percurso da produção e do gosto musical sofreram uma alteração profunda na passagem do século XIX para o século XX, assegurando-lhe uma incontestável capacidade ao nível da representação e do gozo. Até então a prática musical das mulheres, particularmente daquelas que eram oriundas da nobreza e da burguesia, estava cingida à esfera privada, não lhes sendo permitido cantar ou tocar fora de meio familiar.

É neste contexto que a aptidão musical feminina da família Luizello assume interesse e importância para os estudos das figuras e papéis femininos num período de profundas transformações sociais, que ocorreram a partir da segunda metade do século XIX e se acentuaram na transição para o século XX. A família Luizello, originária de Veneza, estabelece-se em Portugal nos princípios do século XIX, dando início a uma família de artistas nas mais diversas áreas da cultura, com especial destaque para a música. Entre as figuras femininas desta família destacam-se oito: Constança Luizello (1830-1900); Carlota Luizello (1831-1877); Judite Luizello (1843-1889); Raquel Luizello (c.1853- 1902); Júlia Luizello (1859-?); Judite Cordeiro Luizello Pereira Fernandes (c.1877-1917); Júlia Luizello Alves Moreira (1888-1964); e Berta Luizello Alves Moreira (1893-1951).

No fundo, o que se pretende com esta comunicação é dar a conhecer, através da informação dispersa pela imprensa da época e outras fontes impressas e manuscritas, a vida artística destas mulheres, destacando o papel destas oito figuras femininas nas artes musicais e focando os seus contributos, impactos e ecos na cultura portuguesa e na sociedade da época.

**Palavras-chave:** Música, Pianistas, Harpistas, Violoncelistas, Luizello, Sécs. XIX-XX

**Nota biográfica/Biographical Note:** António R. Telles Costa é licenciado em História (NOVA FCSH, 2019) e Mestre em História Contemporânea (NOVA FCSH, 2021), com a dissertação «José Pereira Palha Blanco (1854-1937): um cacique e um lavrador da lezíria ribatejana». Actualmente está em fase transitória para prossecução de estudos de doutoramento. É

investigador integrado do centro História, Territórios e Comunidades (NOVA FCSH / CFE-UC) e integra a equipa de investigação do programa CULTIVAR - Rede de competências para o desenvolvimento sustentável e inovação no setor Agroalimentar. No âmbito da História tem como principais áreas de interesse e investigação a agricultura, a indústria e a política na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX.

**María del Castillo García Romero** (Universidad de Sevilla e Universidad de Cádiz) - De las mujeres y su intervención artística. Relaciones, dependencias e intercambios entre la práctica y el coleccionismo (ss. XIX-XX). | **online**

**Resumo/Abstract:** En los últimos años hemos centrado nuestra investigación en el papel ejercido por las mujeres en la Historia del Arte en el ámbito hispánico, especialmente entre la Edad Moderna y la Modernidad.

Gracias a la labor previa de investigadores, y especialmente, investigadoras, en las últimas décadas se han rescatado historias y nombres de mujeres que habían permanecido en el olvido, y que jugaron un importante papel en actividades como el mecenazgo, el coleccionismo y la práctica artística.

Seguendo el camino iniciado por ellos, amplio por cuanto a los horizontes territoriales y cronológicos que implica, y arduo por las dificultades que la propia Historia ha impuesto a la hora de conservar la memoria de estas figuras femeninas y su obra, hemos tratado de visibilizar el papel de diversas mujeres que ejercieron un papel activo en este ámbito, poniendo sobre la mesa no solo su importante actividad, sino los condicionantes de género dado el modelo histórico cultural en el que estas se desarrollaron, y en el que se han llevado a cabo secularmente los estudios históricos.

En este sentido, nuestro objetivo se centra en abordar la figura de varias generaciones de estas mujeres para ejemplificar la genealogía femenina que permite la realización de esta investigación de forma sistemática, como punto de partida de un verdadero corpus de datos que sea inclusivo con la actividad desarrollada por este grupo social. Nos ocuparemos de presentar como ejemplo paradigmático a Antonia Rodríguez, pintora andaluza del siglo XIX, y a Manuela Murube, una mujer adelantada a su tiempo, a medio camino entre el ochocientos y el siglo XX, estableciendo las oportunas conexiones personales y artísticas entre ellas.

**Palavras-chave:** Historia del Arte, Mecenazgos, Coleccionistas, Artistas, Perspectiva de género

**Nota biográfica/Biographical Note:** Profesora Sustituta Interina adscrita al Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Sevilla, y Miembro del Grupo de Investigación HUM-726: Ciudad, Imagen y Patrimonio, del Plan Andaluz de Investigación y la Universidad de Cádiz. Actualmente integra el equipo de investigadoras del Proyecto I+D+i Agencia femenina en la escena artística andaluza (1440-1940) (P20\_01208), financiado por la Junta de Andalucía. Ha llevado a cabo estancias formativas, investigadoras y docentes en el Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico (IAPH) la Universidad de Cádiz (UCA), la Universidade do Algarve (UALG), y, la Universidade NOVA de Lisboa. Entre las líneas de investigación desarrolladas hasta el momento se encuentra el papel de las mujeres en el sistema de las artes durante la Edad Media, y entre la Edad Moderna y la Modernidad, atendiendo a casos relacionados con el Mundo Ibérico y latinoamericano, presentando buena parte de los resultados de su investigación en países como España, Portugal, Italia, Hungría, Estados Unidos, México, Colombia, Argentina y Brasil.

**Miriane Borges Valle** (UNESP – Brasil) – Mulheres instrumentistas no Choro paulistano. | **online**

**Resumo/Abstract:** Esta comunicação visa abordar a profissionalização de mulheres instrumentistas nas rodas de Choro na cidade de São Paulo.

Para quem acompanha as rodas de Choro nesta cidade, é perceptível que a grande maioria de músicos presentes se constitui por homens. Com um reduzido número de mulheres participantes, elas podem ser vistas essencialmente no canto e na flauta, mas tem-se aumentado a proporção nos outros instrumentos, como o cavaquinho, violão e pandeiro.

Porém, conversando com estas instrumentistas, elas declaram que ainda não é fácil entrar numa roda de choro. Muitas delas são levadas por amigos homens, que já tocam naquele círculo e que as apresentam e pedem para que elas possam tocar também. Sem essa mediação, fica mais custoso que consigam fazer parte da roda. Quando se trata da profissionalização destas mulheres, é ainda mais difícil de serem inseridas no mercado. Muitas buscam caminhos para subverter estes impedimentos, como criar grupos de choro formados exclusivamente por mulheres.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo desvelar o processo de profissionalização das mulheres no cenário musical do choro ao longo do século XX até os dias atuais, apresentando quem são os nomes contemporâneos na cena paulistana.

**Palavras-chave:** mulheres instrumentistas, Choro, música, equiparação de gênero, profissionalização de mulheres

**Nota biográfica/Biographical Note:** Miriane Borges é percussionista, educadora musical e pesquisadora. Graduada em Licenciatura em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), atualmente é Mestranda em Artes, na linha de pesquisa em Arte-Educação pela mesma instituição.

Ganhou o prêmio de melhor pesquisa de iniciação científica na área de Humanas no XXXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP em 2019, com o trabalho “Ensino de Percussão para mulheres: uma perspectiva feminista”. Desenvolve a pesquisa de mestrado “Mulheres pandeiristas nas rodas de Choro da cidade de São Paulo”, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Rita Luciana Berti Bredariolli

**Jaqueline dos Santos Cunha** (UFG-Brasil) – O ingresso das mulheres na cena das histórias em quadrinhos no Brasil. | **online**

**Resumo/Abstract:** Este estudo se dedica à presença de mulheres quadrinistas na cena das histórias em quadrinhos no Brasil do século XX. Procuramos delinear o processo de inserção das mulheres no campo dos quadrinhos, as recepções nos primeiros anos de publicação e a real representatividade das produções femininas na contemporaneidade. Para cumprir com o nosso objetivo, partiremos, primeiramente, da análise dos dados disponibilizados por coletivos de mulheres que se dedicam a investigar a presença de mulheres na produção de histórias em quadrinhos, tais como Mina de HQ e o Lady's Comics. Em seguida, apresentaremos outros nomes que ainda não foram destacados pela historiografia e pela crítica. Dessa forma, esperamos contribuir com as discussões em torno das histórias em quadrinhos produzidas por mulheres.

**Palavras-chave:** História em Quadrinhos, profissão quadrinista, Mulher artista, Gênero

**Nota biográfica/Biographical Note:** Jaqueline dos Santos Cunha se graduou em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil, em 2007. Em 2016, obteve o título de mestra pela Universidade Federal de Goiás – Regional de Catalão (UFG),

Brasil, com pesquisa sobre a representação feminina em *Miss Fury e Wonder Woman*. Atualmente, ela é estudante de Doutorado na Universidade Federal de Goiás (UFG), com pesquisa sobre mulheres quadrinistas no Brasil. É membra da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e desenvolve estudos sobre histórias em quadrinhos de autoria de mulheres e mulheres pioneiras na produção de história em quadrinhos no Brasil.

**Leonor Sampaio da Silva** (CHAM Açores – NOVA/UAc) – Escrita no feminino: leitoras, escritoras e tradutoras.

**Resumo/Abstract:** Entendida como um espaço reservado às vozes masculinas, a escrita durante muito tempo obrigou as mulheres ou a disfarçar a autoria através do uso de pseudônimos ou a limitar o âmbito da sua intervenção ao espaço íntimo do diário e da epistolografia. Partindo deste pressuposto, a comunicação versará sobre os desafios, as interdições e as oportunidades que se colocaram às mulheres, tanto enquanto leitoras como escritoras. Desde o tipo de publicações que lhes eram/são destinadas, até aos tabus com que se deparam as escritoras, incluindo os pertencentes ao mundo da tradução e da receção do texto, apresentar-se-á um panorama multifacetado dos obstáculos que tiveram de ser superados por quantas procuraram fazer da escrita uma ocupação profissional. Os casos de Mary Shelley, Julia Evelina Smith e Virginia Woolf serão apresentados como emblemáticos quer das dificuldades quer das conquistas que foram alcançadas ao longo do tempo. A comparação destes três exemplos permitirá elencar os estereótipos relacionados com a escrita feita por mulheres, compreender os objetivos da escrita feminista e refletir sobre o contributo das escritoras e tradutoras para a cultura na época contemporânea.

**Palavras-chave:** mulheres, escrita, cultura, Mary Shelley, Julia Evelina Smith, Virginia Woolf

**Nota biográfica/Biographical Note:** Leonor Sampaio da Silva é doutorada em Cultura, pela Universidade dos Açores, onde leciona disciplinas de Cultura Inglesa, Cultura Contemporânea, Literatura e Tradução. No âmbito dos Estudos Culturais, tem desenvolvido pesquisas relacionadas com a representação das minorias na produção simbólica contemporânea. Na Universidade dos Açores é, presentemente, responsável pelo Protocolo e Cerimonial Académico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e representante da Universidade dos Açores na Comissão Especializada de Arte e Cultura do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. É autora de vários livros, incluindo traduções críticas, e diversos capítulos de livros e artigos

científicos em revistas de cultura e de literatura, nacionais e internacionais. Possui também obra literária, tendo vencido o Prémio de Humanidades Daniel de Sá, em 2014.

**Ana Cristina Correia Gil** (CHAM Açores – NOVA/UAc) – Madalena Férin: a ilha e a escrita.

**Resumo/Abstract:** Madalena Férin (1929-2010), autora de referência da literatura produzida nos Açores, dividiu a sua vida entre a ilha de Santa Maria e Lisboa, cidade onde alcançou também um notório reconhecimento artístico. A sua formação académica e a sua vida profissional revelam desde cedo uma versatilidade de áreas, a qual vai ter depois reflexos na sua atividade literária: licencia-se em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mais tarde é Técnica Superior do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Em 1957, num tempo em que ainda eram dominantes as vozes masculinas, Madalena Férin inicia a sua carreira literária, com a publicação da obra *Poemas*, agraciada com o Prémio Antero de Quental. Afirma-se enquanto autora na segunda metade do século XX, publicando poesia e narrativa em várias editoras nacionais e sendo agraciada com vários prémios. Neste artigo, procura-se explorar na obra da autora, quer na poesia quer nos textos narrativos, as marcas de identidade insular, assim como a versatilidade e a modernidade da sua escrita, que a tornam ao mesmo tempo universal. Como afirma Maria Estela Guedes: “a pátria de Madalena Férin é Portugal, e a sua obra pertence ao mundo”.

**Palavras-chave:** Açores, identidade, insularidade, literatura, Madalena Férin

**Nota biográfica/Biographical Note:** Ana Cristina Correia Gil é Professora Associada da Universidade dos Açores, onde exerceu as funções de Presidente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (2016-2021) e de Diretora da Biblioteca, Arquivo e Museu (2014-2017). É investigadora integrada do CHAM-A. As suas áreas de investigação são a Cultura Portuguesa, a Identidade Nacional, a Teoria da Cultura e os Estudos Insulares. Participa regularmente em colóquios e conferências, em Portugal e no estrangeiro, com conferências e comunicações sobre autores e temas ligados à Cultura Portuguesa. Tem também apresentado trabalhos ligados à área das Ciências da Comunicação. Em 2014, ganhou o Prémio Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão com o ensaio «Diferentes perspetivas sobre a identidade nacional: o caso português».

**Joana Baião** (LAM-GM, IPB ; IHA/NOVA FCSH) – Dos Caminhos Pictóricos de Graça Morais: A Mulher, As Mulheres. | [online](#)

**Resumo/Abstract:** Graça Morais (n. 1948) nasceu no Vieiro, uma aldeia no interior nordeste de Portugal, e de lá partiu para o mundo. Resultante de mais de 40 anos de ininterrupta atividade, a sua obra aborda temáticas universais, que unem o local ao global, num movimento recíproco e numa dinâmica que envolve o observador e, principalmente, o questiona. Temas abrangentes como a religião, a relações entre o profano e do sagrado, o sexo, o género, o envelhecimento, a solidão, a violência, o exílio ou a guerra, habitam o seu universo pictórico e refletem a pedra basilar do seu trabalho: um olhar atento sobre tudo o que a rodeia, a permanente observação do ser humano e da sua condição no mundo.

Na produção de Graça Morais destaca-se a sua abordagem desassomburada ao universo feminino. Num plano mais próximo ao das suas vivências com o mundo rural, verifica-se uma evocação direta às mulheres que sempre a rodearam e que estruturaram a sua identidade: as mulheres transmontanas, camponesas que habitualmente ninguém vê e que, embora aparentemente simples e passivas, representam uma força motriz ancestral que trabalha, são geradoras de vida, são guardiãs e perpetuadoras de saberes. Numa perspetiva mais universal, encontramos nas suas telas mulheres anónimas, por vezes metamorfoseadas, que representam todas as mulheres do mundo, personagens de densas e dramáticas narrativas em torno do ser humano e das suas vivências individuais e coletivas, desde o nascimento até à morte.

Nesta comunicação proponho sinalizar algumas das representações (pictóricas e metafóricas) do feminino na obra de Graça Morais, desde o final da década de 1970 até aos nossos dias, refletindo sobre de que modo elas revelam uma consciência da sua própria condição enquanto mulher e pintora (que iniciou atividade num período e numa sociedade em que homens e mulheres estavam socializados para aceitar um padrão cultural baseado no domínio daqueles sobre estas), e analisando o seu enquadramento dentro de uma pesquisa artística e identitária pessoais, em evolução permanente.

**Palavras-chave:** Graça Morais, mulheres, pintura, representação, identidade

**Nota biográfica/Biographical Note:** Joana Baião é investigadora do CIMO, no âmbito do Laboratório de Artes da Montanha – Graça Morais (LAM-GM), Instituto Politécnico de Bragança, e membro colaborador do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHA/NOVA FCSH). Professora Auxiliar Convidada na FCSH/NOVA desde 2018. Doutora em História da Arte – especialização em Museologia e Património Artístico (2014), Mestre em Museologia (2009), e licenciada em Artes Plásticas – Escultura (2005). Foi bolsista de Doutoramento (2010-2014) e de Pós-Doutoramento (2016-2019), financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem artigos publicados em Portugal, Brasil, Espanha e França e colabora regularmente em projetos dedicados à história da arte e da cultura em Portugal.

**Conferência de Encerramento / Closing Conference - Patricia Zakreski** (University of Exeter) - Crafting Professionalism: Victorian Women Writers and the Decorative Arts

**Resumo/Abstract:** This talk will explore how women writers in the second half of the nineteenth century looked to the decorative arts to forge a new model of professional artistic work. Responding to the issues encapsulated in the “Art of Fiction” debate of the 1880s that highlighted the increasing split between popular fiction and high art in the novel, writers whose authorial reputation was closely connected with the three-volume domestic novel looked to the decorative arts as a way of negotiating their authorial subjectivities as producers of popular fiction at a time when there was a growing tendency to consider the novel as a serious form of art. This lecture will trace the connections between literature and the decorative arts, describing the function the decorative arts served for women writers of popular fiction. Looking at the specific example of patchwork, this lecture will explore the ways in which patchworking in the nineteenth century was an aesthetic mode derived from craft but transferred in form and technique by women writers. In doing so, it considers patchwork as both an object and as a particular form of making that women writers turned to as a way of thinking about their own creative process.

**Nota biográfica/Biographical Note:** Dr. Patricia Zakreski is a Senior Lecturer in Victorian Literature and Culture at the University of Exeter, where she is also the Director for the Centre for Victorian Studies. Her books include *Representing Female Artistic Labour 1848-1890: Refining Work for the Middle Class Woman*, the co-edited collection *Crafting the Woman Professional in the Long Nineteenth Century: Artistry and Industry in Britain*, and the co-edited reader *What is a Woman to Do? A Reader on Women, Work and Art, c. 1830-90*. Her current work explores the relationship between authorship and the decorative arts in the second half of the nineteenth century. She is also co-editing a multi-volume reader on Art Education in the Long Nineteenth Century.



Trabalho (no) Feminino

ÁÇORES  
1850 - 1926

**TRABALHO (NO) FEMININO: percursos e geografias**

**FEMALE WORK: career paths and geographies**